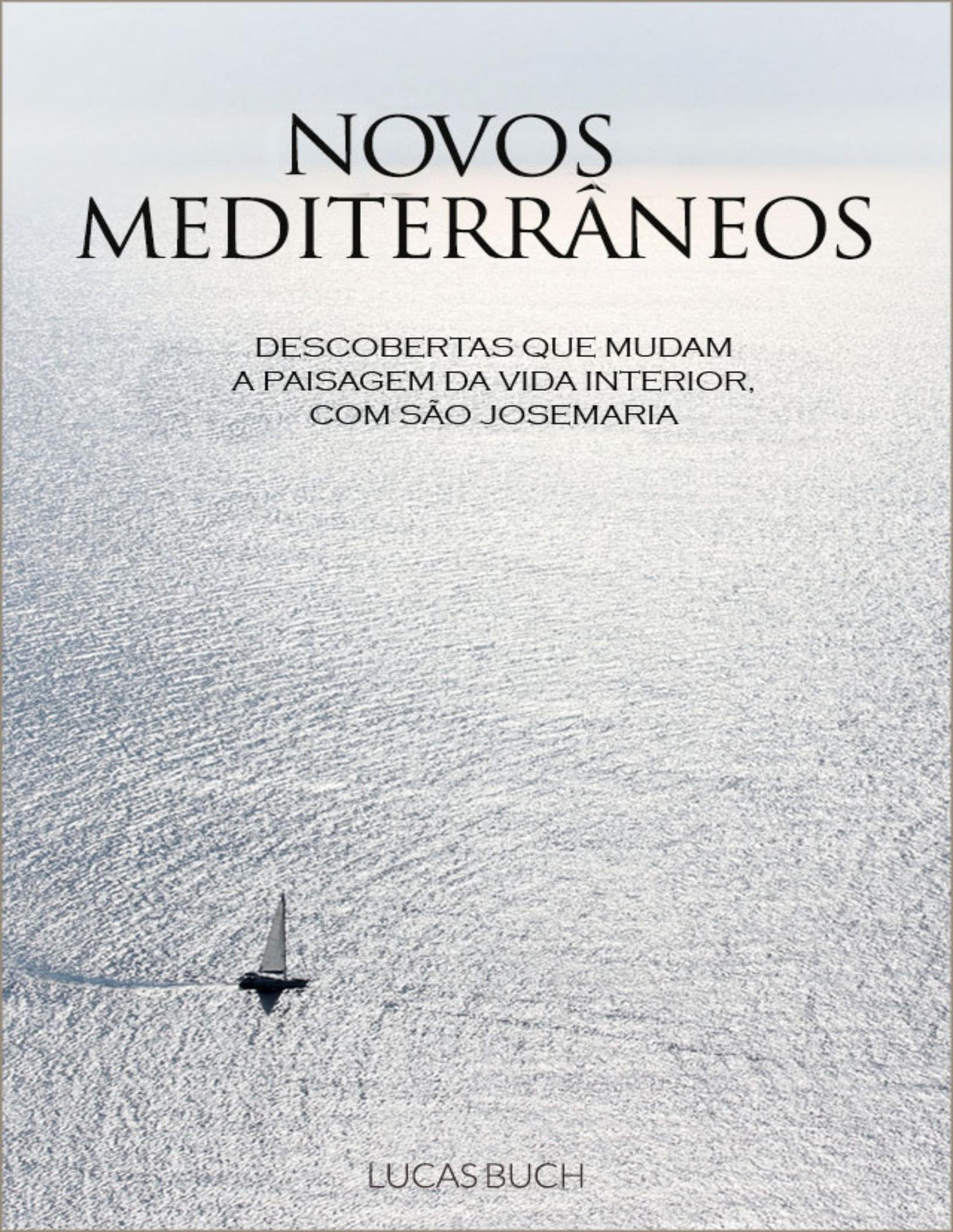


NOVOS MEDITERRÂNEOS

DESCOBERTAS QUE MUDAM
A PAISAGEM DA VIDA INTERIOR,
COM SÃO JOSEMARIA

A small sailboat with a white sail is seen from a high angle, sailing on a vast, textured sea. The water has a shimmering, rippled appearance. The sky is a pale, clear blue. The overall mood is serene and expansive.

LUCAS BUCH

NOVOS MEDITERRÂNEOS

DESCOBERTAS QUE MUDAM
A PAISAGEM DA VIDA INTERIOR,
COM SÃO JOSEMARIA

LUCAS BUCH

© 2020 Gabinete de Informação
do Opus Dei

www.opusdei.org

Índice

Prólogo

1. 'Aquele primeira oração de filho de Deus'

Introdução: 'Ter a cruz é identificar-se com Cristo'

2. 'Jesus é meu amigo do coração'

3. 'A partir da chaga da mão direita...'

4. 'Não fale: oiça-O'

5. 'A Jesus, por Maria'

Epílogo

Sobre

PRÓLOGO

A vida dos santos é uma luz que ilumina o caminho das nossas vidas quando a noite cai. Eles percorreram esse mesmo caminho, e souberam como atingir a meta: o Amor de Deus que é a nossa origem e deseja abraçar-nos por toda a eternidade.

Nestas páginas, vamos dirigir nosso olhar à vida santa de Josemaria Escrivá. Especificamente, a algumas descobertas que ele fez nos seus anos de jovem sacerdote.

Muitas pessoas que o conheceram destacaram que ele foi um apaixonado por Deus, que ensinou muitas almas a “entrar nas profundezas do Amor de Deus, para assim podermos mostrá-lo aos homens, com a palavra e com as obras”[1].Esse é o caminho da vida cristã, que nós também desejamos empreender.

Porém, esse caminho “para dentro” tem uma peculiaridade. Não é mover-se de um lugar conhecido para outro desconhecido: consiste em aprofundar no que já é conhecido, no que parece óbvio, por termos ouvido tantas vezes. Descobrimos então algo que, de fato, era conhecido, mas agora percebe-se com uma nova força e profundidade. São Josemaria refere-se a essa experiência ao falar de diferentes “Mediterrâneos” que abriram-se diante dos seus olhos de maneira inesperada. É assim que ele explica isso, por exemplo, em Forja:

“Na vida interior, tal como no amor humano, é preciso ser perseverante

Sim, tens de meditar muitas vezes os mesmos argumentos, insistindo até descobrires uma nova América*.

- E como é que não tinha percebido isto antes, com esta clareza?, perguntar-te-ás surpreendido. - Simplesmente porque às

vezes somos como as pedras, que deixam resvalar a água, sem absorver nem uma gota.

- Por isso, é necessário voltar a refletir sobre as mesmas coisas - que não são as mesmas! -, para nos empaparmos das bênçãos de Deus.”[2].

Esse é o caminho de contemplação a que estamos chamados. Trata-se de navegar em um mar que, à primeira vista, não tem nada de novo, porque faz parte da nossa paisagem diária. Os romanos chamavam o Mediterrâneo de Mare Nostrum: era o mar conhecido, o mar com o qual conviviam. São Josemaria fala sobre a descoberta de Mediterrâneos porque, assim que entramos naqueles mares que pensamos que conhecemos bem, abrem-se diante de nossos olhos horizontes amplos, que havíamos imaginado. Podemos então dizer ao Senhor, nas palavras de Santa Catarina de Sena: “És um mar profundo. Quanto mais nele penetro, mais encontro; quanto mais encontro, mais Te procuro”[3].

Essas descobertas respondem a luzes que Deus dá quando e como Ele quer. No entanto, a consideração pausada nos prepara para receber essas luzes do Senhor. “É como aquele que primeiro estava nas trevas e, de repente, vê o sol que ilumina o seu rosto e distingue claramente o que ele não viu até então, da mesma forma aquele que recebe o Espírito Santo fica com a alma iluminada”[4]. Nessas páginas, analisaremos alguns destes Mediterrâneos que são Josemaria descobriu em sua vida interior, para entrar, com ele, “na profundidade do Amor de Deus”[5].

Notas

[1]S. Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 97.

[2]S. Josemaria, *Forja*, n. 540, Editora Quadrante

[3]Santa Catarina de Sena, *Diálogo*, c. 167.

[4]São Cirilo de Jerusalem, *Catequese* 16, 16.

[5] Os textos deste livro, com exceção do prólogo e da introdução, foram publicados com diversas variantes no site do Opus Dei durante o ano de 2018.

*Na obra em espanhol, São Josemaria usa a expressão “um novo Mediterrâneo”, que foi traduzida ao Português como “uma nova América” (cfr. Forja, n. 540, Quadrante, São Paulo). Neste artigo preferimos usar a expressão original do autor.

Aquela primeira oração de filho de Deus

O sentido da filiação divina muda tudo, como mudou a vida de S. Josemaría quando descobriu, inesperadamente, esse Mediterrâneo.

«São momentos, minhas filhas e meus filhos, para nos metermos cada vez mais por «caminhos de contemplação» no meio do mundo»[1]. Com estas palavras o prelado do Opus Dei indica uma das prioridades do momento atual. O apostolado dos cristãos é, hoje como sempre, «uma superabundância da nossa vida interior»[2]. Por um lado, porque consiste em comunicar precisamente essa Vida; por outro, porque para propor a fé ao mundo é necessário compreendê-la e vivê-la em profundidade. Trata-se, em resumo, como nos indicou S. Josemaría, de «penetrarmos na profundidade do Amor de Deus, para assim poder, com a palavra e com as obras, mostrá-lo aos homens»[3].

Este caminho *para dentro* tem uma peculiaridade. Não transita de um lugar conhecido para outro desconhecido: consiste, antes, em aprofundar aquilo que já se conhece, aquilo que parece óbvio, de tão ouvido. *Descobre-se* então algo que, na realidade, se sabia, mas que agora se entende com uma força e uma profundidade novas. S. Josemaría refere-se a essa experiência falando de diferentes «Mediterrâneos» que se foram abrindo diante dos seus olhos de maneira inesperada. Assim o expõe, por exemplo, em *Forja*:

«Na vida interior, como no amor humano, é preciso ser perseverante. Sim, tens que meditar muitas vezes os mesmos argumentos, insistindo até descobrir um novo Mediterrâneo. – E como não vi antes isso assim tão claro? perguntas-te surpreendido.

– Simplesmente, porque às vezes somos como as pedras, que deixam resvalar a água, sem absorver nem uma gota.» – Por isso, é necessário voltar a discorrer sobre o mesmo – que não é o mesmo! – para nos empaparmos das bênçãos de Deus»[4].

«Discorrer sobre o mesmo» para tentar abrir-nos a toda a sua riqueza e descobrir assim «que não é o mesmo!». Esse é o caminho de contemplação a que somos chamados. Trata-se de sulcar um mar que, à primeira vista, não tem nada de novo, porque já faz parte da nossa paisagem quotidiana. Os romanos chamavam ao Mediterrâneo *Mare nostrum*: tratava-se do mar conhecido, do mar com que conviviam. S. Josemaría fala de descobrir Mediterrâneos porque, quando entramos nos mares que pensamos conhecer bem, abrem-se diante dos nossos olhos horizontes amplos, insuspeitados. Podemos dizer então ao Senhor, com palavras de Santa Catarina de Sena: «és como um mar profundo, no qual quanto mais procuro mais encontro, e quanto mais encontro mais Te procuro»[5].

Estas descobertas respondem a luzes que Deus dá quando e como quer. Contudo, a nossa consideração pausada põe-nos na disposição de receber essas luzes do Senhor. «É como aquele que primeiro estava nas trevas e depois vê de repente o sol que lhe ilumina a cara, e distingue claramente o que até então não via, do mesmo modo aquele que recebe o Espírito Santo fica com a alma iluminada»[6]. Nos artigos seguintes lembraremos alguns destes Mediterrâneos que S. Josemaría descobriu na sua vida interior, para penetrarmos com ele «na profundidade do Amor de Deus».

Abba Pater!

Uma das convicções mais arraigadas nos primeiros cristãos era que podiam dirigir-se a Deus como filhos amados. O próprio Jesus tinha-os ensinado: «Vós, pois, orai assim: Pai nosso que estais no Céu...» (Mt 6,9). Ele tinha-se apresentado diante dos judeus como o Filho amado do Pai e tinha ensinado os seus discípulos a comportarem-se de igual modo. Os apóstolos tinham-n'O ouvido a dirigir-se a Deus com o termo que usavam as crianças hebraicas

para se dirigirem aos seus pais. E, ao receber o Espírito Santo, eles próprios tinham começado a usar essa fórmula. Tratava-se de algo radicalmente novo, relativamente à piedade de Israel, mas S. Paulo refere-o como algo comum e conhecido por todos: «recebestes um Espírito de filhos de adoção, no qual clamamos: “*Abbá, Pai!*”. Pois o próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus» (*Rm 8,15-16*). Era uma convicção que os enchia de confiança e lhes dava uma audácia insuspeitada: «se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus, coerdeiros de Cristo» (*Rm 8,17*). Jesus não é apenas o Unigénito do Pai, mas também o primogénito de muitos irmãos (cfr. *Rm 8,29; Col 1,15*). A Vida nova, trazida por Cristo, apresentava diante dos seus olhos como uma vida de filhos amados de Deus. Esta não era uma verdade teórica ou abstrata, mas algo real que os enchia de uma alegria transbordante. Boa demonstração disso é o grito que se escapa ao apóstolo São João na sua primeira carta: «Olhai que amor nos teve o Pai para nos chamarmos filhos de Deus e somo-lo de facto!» (*1 Jo 3,1*). A paternidade de Deus, o seu amor singularíssimo e terno por cada um, é algo que nós, os cristãos, aprendemos desde pequenos. E, no entanto, somos chamados a descobri-lo de um modo pessoal e vivo, que chegue a transformar a nossa relação com Deus. Ao fazê-lo, abre-se diante dos nossos olhos um Mediterrâneo de paz e confiança, um horizonte imenso que poderemos aprofundar ao longo de toda a vida. Para S. Josemaría, foi um achado inesperado, a repentina abertura de um panorama que na realidade se encontrava como que escondido em algo que conhecia bem. Era o outono de 1931; recordava-o muitos anos depois: «Poderia dizer-vos até o quando, até o momento, até onde foi aquela primeira oração de filho de Deus. Aprendi a chamar Pai, no Pai Nosso, desde criança; mas sentir, ver, admirar esse querer de Deus de que sejamos seus filhos..., na rua e num elétrico – uma hora, hora e meia, não o sei; *Abba, Pater!*, tinha que gritar»^[7].

Nos meses seguintes, S. Josemaria voltou repetidamente a esse ponto. No retiro que fez um ano mais tarde, apontava, por exemplo: «Primeiro dia. Deus é meu Pai. – E não saio desta consideração»^[8]. O dia inteiro a considerar a Paternidade de Deus!

Embora à partida uma contemplação tão dilatada no tempo nos possa surpreender, de facto mostra a profundidade com que entrou nele a experiência da filiação divina. Também a nossa primeira atitude, na oração e, em geral, ao dirigirmo-nos a Deus, deve basear-se num confiado abandono e agradecimento. Para que o nosso trato com Deus adquira esta forma, convém descobrir pessoalmente, uma vez mais, que Ele quis ser nosso Pai.

Quem é Deus para mim?

Como S. Josemaria, talvez tenhamos aprendido muito pequenos que Deus é Pai, mas talvez nos reste um bom trecho de caminho para *viver* a nossa condição de filhos em toda a sua radicalidade. Como podemos facilitar essa descoberta?

Em primeiro lugar, para descobrir a paternidade de Deus, é necessário muitas vezes *restaurar a Sua autêntica imagem*. Quem é Ele para mim? De modo consciente ou inconsciente, há quem pense em Deus como Alguém que impõe leis e anuncia castigos para os que não as cumpram; Alguém que espera que se acate a sua vontade e se enfurece diante da desobediência; numa palavra, um Amo de que nós não seríamos mais do que involuntários súbditos. Noutros casos – sucede também a alguns cristãos – Deus é entendido fundamentalmente como o motivo pelo qual é necessário portar-se bem. Pensa-se n'Ele como a razão pela qual cada um se move para onde realmente não *quer*, mas *deve* ir. No entanto, Deus «não é um Dominador tirânico, nem um Juiz rígido e implacável: é nosso Pai. Fala-nos dos nossos pecados, dos nossos erros, da nossa falta de generosidade: mas é para nos livrar deles, para nos prometer a sua Amizade e o seu Amor»[\[9\]](#).

A dificuldade para entender que «Deus é Amor» (1 Jo 4,8) deve-se, por vezes, também à crise por que passa a paternidade em diversos países. Talvez o tenhamos comprovado ao falar com amigos ou companheiros: os seus pais não lhes trazem boas recordações e um Deus que é Pai não lhes parece particularmente atrativo. Ao propor-lhes a fé, é bom ajudá-los a ver como a sua dor por essa carência mostra até que ponto trazem a paternidade

inscrita no coração: uma paternidade que os precede e os chama. Um amigo, um sacerdote, podem ajudá-los, com a sua proximidade, a descobrir o amor do «Pai de quem toma nome toda a família nos céus e na terra» (Ef 3,14) e a experimentar essa ternura também na «vocação de guardião»^[10] que palpita dentro de cada um, e que abre caminho no pai ou na mãe que *eles mesmos já são*, ou que querem ser um dia. Assim podem ir descobrindo no fundo da sua alma o autêntico rosto de Deus e a maneira como nós, seus filhos, somos chamados a viver, sabendo-nos olhados por Ele com infinito carinho. Com efeito, um pai não ama o filho pelo que *faz*, pelos seus resultados, mas simplesmente *porque é seu filho*. Ao mesmo tempo, lança-o ao mundo e procura retirar o melhor dele, mas partindo sempre do muito que vale aos seus olhos.

Pode ser útil considerá-lo, em particular, nos momentos de fracasso, ou quando a distância entre a nossa vida e os *modelos* que nos apresenta o mundo em que vivemos nos levem a ter uma baixa consideração por nós próprios. «Esta é a nossa «estatura», esta é a nossa identidade espiritual: somos os filhos amados de Deus, sempre. (...) Não se aceitar, viver descontentes e pensar de modo negativo significa não reconhecer a nossa identidade mais verdadeira. É como voltar-se para o outro lado quando Deus quer pousar o seu olhar sobre mim, é querer apagar o sonho que Ele tem para mim. Deus ama-nos assim como somos, e nenhum pecado, defeito ou erro O fará mudar de ideia»^[11].

Darmo-nos conta de que Deus é Pai vai a par com deixar-nos olhar por Ele *como filhos muito amados*. Deste modo, compreendemos que o nosso *valor* não depende do que tenhamos – os nossos talentos – ou do que façamos – os nossos êxitos – mas do Amor que nos criou, que *sonhou* connosco e nos *afirmou* «antes da fundação do mundo» (Ef 1,4). Perante a fria ideia que, por vezes, o mundo contemporâneo faz de Deus, Bento XVI quis recordar desde o início do seu pontificado que «não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um é

amado, cada um é necessário»[12]. Esta ideia realmente afeta a nossa vida diária?

A confiada esperança dos filhos de Deus

S. Josemaria recordava com frequência aos fiéis do Opus Dei que «o fundamento da nossa vida espiritual é o sentido da nossa filiação divina»[13]. Comparava-o ao «fio que une as pérolas de um grande colar maravilhoso. A filiação divina é o fio, e aí se vão unindo todas as virtudes, porque são virtudes de filho de Deus»[14]. Por isso é crucial pedir a Deus que nos abra esse Mediterrâneo, que apoia e dá forma a toda a nossa vida espiritual.

O *fio* da filiação divina traduz-se «numa atitude quotidiana de abandono esperançado»[15], uma atitude que é própria dos filhos, especialmente quando são pequenos. Por isso na vida e nos escritos de S. Josemaria, a filiação divina é frequentemente unida à infância espiritual. Certamente, o que importam as sucessivas quedas ao menino que está a aprender a andar de bicicleta? Não valem nada, desde que veja o pai perto, animando-o a voltar a tentar. Nisso consiste o seu abandono esperançado: «O Papá diz que posso... para a frente!».

Saber-nos filhos de Deus é também a segurança sobre a qual nos apoiamos para levar a cabo a missão que o Senhor nos confiou: Sentir-nos-emos como aquele filho a quem o seu pai diz: «Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha» (Mt 21,28). Talvez nos assalte primeiro a insegurança, ou mil ocorrências de diverso tipo. Mas logo a seguir consideraremos que é o nosso Pai que nos pede, demonstrando-nos uma imensa confiança. Como Cristo, aprenderemos a abandonar-nos nas mãos do Pai e dizer-Lhe do fundo da nossa alma: «não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mc 14,36). S. Josemaria ensinou-nos com a sua vida a comportarmo-nos deste modo, à imagem de Cristo: «Ao longo dos anos, procurei apoiar-me sem desfalecimentos nessa gozosa realidade. Em todas as circunstâncias, a minha oração tem sido a mesma com tonalidades diferentes. Tenho-Lhe dito: Senhor, Tu colocaste-me aqui; Tu confiaste-me isto ou aquilo e eu confio em Ti.

Sei que és meu Pai e tenho visto sempre que as crianças confiam absolutamente nos pais»[16]. Não podemos negar que haverá dificuldades. Mas encará-las-emos com a consciência de que, aconteça o que acontecer, esse Pai todo-poderoso nos acompanha, está ao nosso lado e vela por nós. Ele fará o que nos propomos, porque afinal de contas é obra sua; fá-lo-á, talvez, de um modo diferente, mas mais fecundo. «Quando te abandones verdadeiramente no Senhor, aprenderás a contentar-te com o que venha e a não perder a serenidade, se as tarefas – apesar de teres posto todo o teu empenho e os meios oportunos – não saem a teu gosto... Porque terão “saído” como convém a Deus que saiam»[17].

Cultivar o «sentido da filiação divina»

S. Josemaria, convém notá-lo, não indicava como fundamento do espírito do Opus Dei a *filiação divina*, mas o *sentido* da filiação divina. Não basta *ser* filhos de Deus, mas que temos de *nos saber* filhos de Deus, de tal modo que a nossa vida adquira esse *sentido*. Ter essa segurança no coração é o fundamento mais sólido; a verdade da nossa filiação divina converte-se então em algo operativo, com repercussões concretas na nossa vida.

Para cultivar tal *sentido*, é bom *aprofundar* nessa realidade com a cabeça e com o coração. *Com a cabeça*, primeiro, meditando na oração as passagens da Escritura que falam da paternidade de Deus, da nossa filiação, da vida dos filhos de Deus. Esta meditação pode receber luz dos muitos textos de S. Josemaria sobre a nossa condição de filhos de Deus[18], ou das reflexões de outros santos e escritores cristãos[19].

Com o coração podemos aprofundar na nossa condição de filhos de Deus recorrendo ao Pai confiadamente, abandonando-nos no seu Amor, atualizando com ou sem palavras a nossa atitude filial e procurando ter sempre presente o Amor que Ele nos tem. Um modo de o fazer é recorrer a Ele com breves invocações ou jaculatórias. S. Josemaria sugeria: «Chama-Lhe Pai muitas vezes ao dia, e diz-lhe – a sós, no teu coração – que O amas, que O adoras: que sentes o orgulho e a força de ser seu filho»[20]. Podemos também

recorrer a alguma breve oração que nos ajude a enfrentar o dia com a segurança de nos sentirmos filhos de Deus, ou a terminá-lo, com agradecimento, contrição e esperança. O Papa Francisco propunha esta aos jovens: «“Senhor, dou-te graças porque me amas; tenho a certeza de que me amas; faz com que me enamore da minha vida”. Não dos meus defeitos, que há que corrigir, mas da vida, que é um grande presente: é o tempo para amar e ser amado»[21].

Voltar à casa do Pai

Descreveu-se a família como «o lugar a que se volta», onde encontramos conforto e descanso. É-o de modo particular enquanto «santuário do amor e da vida»[22], como gostava de dizer S. João Paulo II. Aí reencontramos o Amor que dá sentido e valor à nossa vida, porque está na sua própria origem.

De igual modo, sentirmo-nos filhos de Deus permite-nos voltar a Ele confiadamente quando estamos cansados, quando nos trataram mal ou nos sentimos feridos... ou também quando O ofendemos. *Voltar ao Pai* é outro modo de viver nessa atitude de «abandono esperançado». Convém meditar frequentemente a parábola do pai que tinha dois filhos recolhida por S. Lucas (Cfr. *Lc 15,11-32*): «Deus espera-nos, como o pai da parábola, de braços abertos, ainda que o não mereçamos. Não importa a nossa dívida. Como no caso do filho pródigo, é apenas preciso que abramos o coração, que tenhamos saudades do lar do nosso Pai, que nos maravilhem e nos alegremos diante do dom que Deus nos faz de nos podermos chamar e de ser, apesar de tanta falta de correspondência da nossa parte, verdadeiramente seus filhos»[23].

Aquele filho talvez não tenha pensado na dor que tinha causado ao Pai: tinha saudades, sobretudo, do bom trato que recebia na casa paterna (cfr. *Lc 15,17-19*). Dirige-se para lá com a ideia de não ser senão *um servo* entre outros. No entanto, o pai recebe-o – vai ao seu encontro, lança-se-lhe ao pescoço e cobre-o de beijos! – recordando-lhe a sua identidade mais profunda: *é seu filho*. A seguir dispõe que lhe devolvam as vestes, as sandálias, o anel... os sinais dessa filiação que nem sequer o seu mau comportamento não podia

apagar. «Afinal de contas tratava-se do próprio filho e tal relação não podia ser alienada, nem destruída por nenhum comportamento»[24].

Embora, por vezes, possamos ver Deus como um Amo de quem somos servos, ou como um frio Juiz, Ele mantém-se fiel ao seu Amor de Pai. A possibilidade de nos aproximarmos d'Ele depois de ter caído é sempre uma ocasião magnífica para O descobrir. Ao mesmo tempo, isso revela-nos a nossa própria identidade. Não se trata somente de que Ele tenha decidido amar-nos, porque sim, mas de que verdadeiramente *somos* – por graça – *filhos de Deus*. *Somos* filhos de Deus e nada, nem ninguém, poderá jamais roubar-nos essa dignidade. Nem sequer nós mesmos. Por isso, diante da realidade da nossa debilidade e do pecado – consciente e voluntário – não deixemos que nos invada a desesperança. Como salientava S. Josemaria, «essa conclusão não é a última palavra. A última palavra tem-na Deus, e é a palavra do seu amor salvador e misericordioso e, portanto, a palavra da nossa filiação divina»[25].

Ocupados em amar

O *sentido* da filiação divina muda tudo, como mudou a vida de S. Josemaria quando descobriu inesperadamente esse Mediterrâneo. Que diferente é a vida interior quando, em lugar de a basear nos nossos avanços ou nos nossos propósitos de melhoria, a centramos no Amor que nos precede e nos espera! Se se dá prioridade ao que o próprio *faz*, a sua vida espiritual gira quase exclusivamente em torno da melhoria pessoal. A longo prazo, este modo de viver arrisca não só a deixar o amor de Deus esquecido numa esquina da alma, mas também a conduzir ao desânimo, porque se trata de uma luta na qual se está só diante do fracasso.

Quando, pelo contrário, nos centramos no que *Deus faz*, em nos deixarmos amar todos os dias por Ele, acolhendo diariamente a sua Salvação, a luta adquire outra f. Se saímos vencedores, dar-se-á passagem com grande naturalidade ao agradecimento e ao louvor; se caímos derrotados, o nosso trato com Deus consistirá em regressar confiadamente ao Pai, pedindo perdão e deixando-nos

abraçar por Ele. Entende-se assim que «a filiação divina não é uma virtude particular, que tenha os seus próprios atos, é antes a condição permanente do sujeito das virtudes. Por isso, não se age como filho de Deus executando determinadas ações: toda a nossa atividade, o exercício das nossas virtudes, pode e deve ser exercício da filiação divina»[26].

Não há derrota para quem deseja acolher todos os dias o Amor de Deus. Mesmo o pecado pode converter-se em ocasião de recordar a nossa identidade de filhos e de voltar ao Pai, que insiste em sair ao nosso encontro clamando: «Filho, meu filho!». Dessa mesma consciência nascerá – como nascia em S. Josemaria – a força de que necessitamos para voltar a caminhar atrás do Senhor: «Sei que vós e eu, decididamente, com o resplendor e a ajuda da graça, veremos que coisas há que queimar e as queimaremos; que coisas há que arrancar e as arrancaremos; que coisas há que entregar e as entregaremos»[27]. Mas fá-lo-emos sem angústia e sem desânimo, procurando não confundir o ideal da vida cristã com o perfeccionismo[28]. Viveremos, assim, penderes do Amor que Deus nos tem, ocupados em amar. Seremos como filhos pequenos que descobriram um pouco do amor do seu Pai e que lho querem agradecer de mil modos e corresponder com todo o amor – pouco ou muito – que são capazes de expressar.

Notas

[1] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 30.

[2] *Ibidem*. Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 961; *Amigos de Deus*, n. 239.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 97.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 540, Editora Quadrante.

[5] Santa Catarina de Sena, *Diálogo*, c. 167.

[6] S. Cirilo de Jerusalém, *Catequesis* 16, 16.

[7] S. Josemaria, Meditação de 24-XII-1969 (em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. 1, Rialp, Madrid 1997, p. 390).

[8] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1637 (em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. 1, p. 465).

[9] *Cristo que passa*, n. 64.

[10] Francisco, Homilia na Missa de início do pontificado, 19-III-2013.

[11] Francisco, Homilia, 31-VII-2016.

[12] Bento XVI, Homilia na Missa de início do pontificado, 24-IV-2005.

[13] S. Josemaria, *Carta 25-I-1961*, n. 54 (em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, vol. 2, Rialp, Madrid 2013, p. 20, nota 3).

[14] S. Josemaria, Apontamentos da pregação, 6-VII-1974, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, vol. 2, p. 108.

[15] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

[16] *Amigos de Deus*, n. 143.

[17] S. Josemaria, *Sulco*, n. 860.

[18] Cfr. p.ej. F. Ocáriz, “Filiación divina” em *Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer*, Monte Carmelo, Burgos 2013, pp. 519-526.

[19] O ano jubilar da Misericórdia permitiu redescobrir alguns deles. Cfr. Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, *Misericordiosos como o Pai. Subsídios para o Jubileu da Misericórdia 2015-2016*.

[20] *Amigos de Deus*, n. 150.

[21] Francisco, Homilia, 31-VII-2016.

[22] S. João Paulo II, Homilia, 4-V-2003.

[23] *Cristo que passa*, n. 64.

[24] S. João Paulo II, Enc. *Dives in Misericordia* (30-XI-1980), n. 5.

[25] *Cristo que passa*, n. 66.

[26] F. Ocáriz – I. de Celaya, *Vivir como hijos de Dios*, Eunsa, Pamplona 1993, p. 54.

[27] *Cristo que passa*, n. 66.

[28] Cfr. F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

INTRODUÇÃO

“Ter a cruz é identificar-se com Cristo”

A paternidade de Deus, entendida a partir de nossa filiação divina, é um autêntico Mediterrâneo que abre diante de nós um panorama imenso que nos coloca em Deus e diante de Deus de uma forma que compõe toda a nossa existência. Por isso, pode-se afirmar que “a filiação divina não é uma virtude particular, que tenha seus atos próprios, mas a condição permanente do sujeito das virtudes. Por isso, não agimos como filho de Deus com umas determinadas ações: todas as nossas atividades, o exercício das nossas virtudes, pode e deve ser exercício da filiação divina”^[1]. Podemos assim viver cada momento de nossas vidas com “a gloriosa liberdade dos filhos de Deus” (Rom 8,21).

Contudo, a consciência da filiação divina está relacionada de maneira particular com um aspecto de nossa vida: o sofrimento, a dor e, em uma palavra, a participação na Cruz de Jesus. No entanto, é impressionante que, no Evangelho de São Marcos, os gentios reconheçam em Jesus, o Filho de Deus, precisamente em vista da sua morte (Mc 15,39). São João também entende que a Cruz é o lugar onde brilha a glória de Deus (cf. Jo 12, 23-24). E São Paulo teve que aprender que o caminho da glória exigia a identificação com Cristo crucificado, “escândalo para os judeus, loucura para os gentios” (1 Cor 1:23).

De maneira análoga, na vida de São Josemaria, a consciência da filiação divina se despertou com a experiência da Cruz. Corriam os primeiros anos 30 do século XX. De acordo com seus biógrafos, o jovem padre sofria quando contemplava a dor de sua mãe e de seus irmãos, que passaram mal por falta de meios financeiros. Também sofria porque ainda estava em Madrid numa situação precária.

Sofria, ainda, pela difícil situação que a Igreja estava atravessando na Espanha. Nestas circunstâncias, escreve:

“Quando o Senhor me dava esses golpes, lá pelo ano 31, eu não entendia. E de repente, no meio dessa grande amargura, essas palavras: Tu és meu filho (Sl 2,7), Tu és Cristo. E eu só sabia repetir: Abba, Pater! Abba, Pater! Abba! Abba! Abba! (...) Tu fizes-te, Senhor, que eu entendesse que ter a Cruz é encontrar a felicidade, a alegria. E o motivo - vejo isso mais claramente do que nunca - é este: ter a Cruz é se identificar com Cristo, é ser Cristo e, portanto, ser filho de Deus”[2].

Esta experiência deixou uma marca profunda na alma de São Josemaria. Não foi apenas a descoberta da sua condição de filho, mas também da sua união íntima com o sacrifício de Jesus. No deixa de ser um paradoxo: que nossa condição de filhos de Deus - de crianças pequenas, inclusive - seja inseparável da Cruz. Esse paradoxo encontrou sua expressão muitos anos depois na Via Sacra, onde ele escreveu: "Como a criança débil se lança compungida nos braços vigorosos de seu pai, tu e eu nos arrimaremos ao jugo de Jesus"[3]. Se sabemos que somos filhos de Deus, a Cruz será o sinal claro de nossa filiação e, portanto, a maior garantia de que Ele está ao nosso lado.

Embora possa parecer à primeira vista uma loucura, a Cruz - a dor, o sofrimento, as contrariedades - é, para aqueles que seguem a Cristo, um sinal de filiação e o lugar seguro onde se refugiam. É por isso que nós, cristãos, beijamos a Cruz, a Santa Cruz, e sempre temos um crucifixo à mão, enquanto tentamos descobrir todos os dias a alegria escondida daqueles que carregam o santo lenho de mãos dadas com Jesus.

Notas

[1] F. Ocáriz, I. Celaya, *Vivir como hijos de Dios*, Eunsa, Pamplona 1993, 54.

[2] S. Josemaria Escrivá, *Anotações de uma meditação*, 28-IV-1963, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaria*, vol. 2, 37-38. (tradução livre)

[3] S. Josemaría Escrivá, *Via Sacra*, 7ª estação.

Jesus é meu amigo do coração

S. Josemaria sentiu-se sempre acompanhado por Jesus, o «O Grande Amigo» que compreende as nossas preocupações e quedas, porque Ele é também homem».

Os Evangelhos mostram Jesus em relação com pessoas muito diferentes: doentes que procuram a cura, pecadores que anseiam pelo perdão, curiosos, e até espias... Mas em torno do Mestre encontramos, principalmente, os seus amigos. É assim que se dirige aos seus discípulos: «meus amigos» (Lc 12, 4). É emocionante contemplar o Senhor diante do sepulcro de Lázaro, o seu choro comovido faz comentar aos judeus: Vede como o amava» (Jo 11,36). Mais tarde, na Última Ceia, explica aos apóstolos o sentido da sua morte na Cruz: Ninguém tem mais amor que o de dar a vida pelos seus amigos» (Jo 15,13). E talvez face à surpresa deles insiste: «Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor, a vós, chamei-vos amigos, porque tudo o que ouvi do meu Pai, vo-lo dei a conhecer» (Jo 15, 15).

Pelo Amor que nos tem, Jesus, Jesus torna-nos seus amigos. O dom do Espírito Santo situa-nos numa relação nova com Deus. Recebemos o próprio Espírito de Cristo, que nos torna seus filhos no Pai e nos introduz também numa intimidade especial com Jesus: na realidade, identifica-nos com Ele. Por isso, a nossa identificação com Cristo vive-se pela amizade através da amizade com Ele. A vida da graça inaugura uma relação de tu a Tu com Deus: conhecemo-lo no seu mistério, e podemos atuar com Ele: Essa unidade profunda de conhecimento e de intenções torna possível que, sendo pobres criaturas, experimentemos Deus, como dizia Santo Agostinho, no mais íntimo de nós mesmos, e que possamos querer e procurar o mesmo que ele. Nisso - *idem velle, idem nolle* -, amar e repudiar o mesmo – consiste precisamente a amizade.

«Outro Mediterrâneo»

Desde muito novo, S. Josemaria aprendeu que Jesus era amigo, um amigo muito especial. Partilhou essa sua experiência num ponto de *Caminho*: «Procuras a companhia de amigos que, com a sua conversa e o seu afeto, com o seu convívio, te tornam mais tolerável o desterro deste mundo..., embora os amigos às vezes atraíam. - Não me parece mal. Mas..., como é possível que não frequentes cada dia com maior intensidade a companhia, a conversa com o Grande Amigo, que nunca atraiça?» [1]

Era algo que havia aprendido tempos atrás, e que os seus biógrafos relacionam com um conselho que recebeu na direção espiritual durante os seus tempos de Seminário [2]. Com os anos foi aprofundando nessa descoberta da amizade de Cristo. Possivelmente um momento importante desse desenvolvimento ter-se-ia dado nos anos em que se abriu aos seus olhos o panorama imenso da filiação divina. Enquanto se encontrava em Segóvia, fazendo um retiro espiritual, escrevia: Primeiro dia. Deus é meu Pai. – e não consigo sair desta consideração. – é meu Amigo do coração (outro Mediterrâneo), que me quer com toda a divina loucura do seu Coração. Jesus..., Meu Deus, ... que é homem também» [3].

Descreve-o como «outro Mediterrâneo» - o primeiro era a paternidade de Deus -, isto é, como algo que já conhecia e que, no entanto, se abria ante os seus olhos de um modo novo. Esta descoberta foi para S. Josemaria, em primeiro lugar, uma fonte de consolo. Naqueles primeiros anos da década de trinta tinha pela frente a tarefa imensa de realizar a vontade que Deus lhe tinha manifestado no dia 2 de outubro de 1928. Tinha uma mensagem para transmitir a todos os homens, e a realizar na Igreja. Mas tinha de o fazer «com uma carência absoluta de meios materiais: vinte e seis anos, a graça de Deus e bom humor. E nada mais» [4]. O panorama por este novo horizonte confirmava-o que nessa missão não estava só. Acompanhava-o Jesus, o seu Amigo, que compreendia perfeitamente todas as suas preocupações e inquietações, porque «é homem também».

O Coração de Jesus foi para S. Josemaria uma dupla revelação: da «caridade imensa do Senhor, já que «o Coração de Jesus é o Coração de Deus encarnado» [5]; e por outro lado, da compreensão e da ternura de Jesus diante das próprias limitações, dificuldades e quedas. Nos seus momentos de oração talvez o que deixou num ponto de *Caminho*: «Jesus é teu amigo. - O Amigo. - Com coração de carne, como o teu. - Com olhos de olhar amabilíssimo, que choraram por Lázaro...- E, tanto como a Lázaro, quer-te a ti» [6]. Esse Amor, divino e humano, ao mesmo tempo, infinito e próximo, era um apoio firme que lhe permitiria ir em frente em qualquer circunstância. E dava também um realismo e uma urgência a toda a sua vida interior [7].

Um caminho aberto a todos

S. Josemaria animava as pessoas que conhecia a percorrer o caminho da amizade com Cristo. Explicava-lhes que a convivência com o Mestre não precisa de grandes formalidades nem de métodos complexos. Basta aproximar-se d'Ele com simplicidade, como de qualquer outro amigo. Ao final de contas, esse é o modo com os que com Ele conviviam aqueles que mais o amavam, enquanto viveu com eles: Reparaste com que afeto, com que confiança se relacionavam com Cristo os seus amigos? Com toda a naturalidade as irmãs de Lázaro lançam-lhe em rosto a sua ausência: - Tínhamos-te avisado! Se Tu tivesses estado aqui!...Confia-lhe devagar: - Ensina-me a tratar-te com aquele amor de amizade de Marta, de Maria e de Lázaro; como te tratavam também os primeiros Doze, ainda que no princípio te seguissem talvez por motivos não muito sobrenaturais.»[8].

Os jovens que se aproximavam de S. Josemaria ficavam maravilhados com a naturalidade como se dirigia ao Senhor e os incitava a fazer o mesmo. Ao longo de toda a sua vida propôs repetidamente este caminho. Um dos primeiros que glosaria os seus ensinamentos, dizia: «Para chegar a esta amizade é preciso que tu e eu nos aproximemos dele, o conheçamos e o amemos» [9]. Para haver amizade é preciso conviver, e isso é a primeira coisa a que

nos convida a descoberta de Jesus como amigo. «Escreveste-me: "Orar é falar com Deus. Mas de quê?". De quê?! D'Ele e de ti; alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas; e ações de graças e pedidos; e Amor e desagravo. Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te - ganhar intimidade!» [10].

Ressoa nestas palavras a frase *noverim Te, noverim me* de que falava Santo Agostinho: Senhor, que te conheça e que me conheça [11]; e falar de amizade, estando muitas vezes em colóquio com quem sabemos que nos ama» [12], de Santa Teresa. Ao fim e ao cabo, a intimidade pessoal com Jesus Cristo é a essência da vida interior. E isso, para os que procuram a santidade no meio do mundo, consiste em aprender a encontrá-lo em todas as circunstâncias do dia a dia, para ter com ele um diálogo contínuo.

Não é um ideal irrealizável, mas de algo que muitas pessoas souberam pôr em prática na sua própria vida. No trabalho quotidiano, na vida familiar, nas ruas da cidade e nos campos, nos caminhos das montanhas e no mar... em todos os sítios podemos reconhecer Cristo que nos espera e nos acompanha como um amigo. S. Josemaria repetiu inúmeras vezes que «nunca compartilharei a opinião - ainda que a respeite - dos que separam a oração da vida ativa, como se fossem incompatíveis. Os filhos de Deus têm de ser contemplativos: pessoas que, no meio do fragor da multidão, sabem encontrar o silêncio da alma em colóquio permanente com Nosso Senhor: e olhá-lo como se olha um Pai, como se olha um Amigo, a quem se quer com loucura» [13]. Toda a nossa vida cabe na nossa oração, como acontece em conversas entre amigos, em que se fala de tudo. «Os Atos dos Apóstolos dizem-nos que, depois da Ressurreição, o Senhor reunia os discípulos e conversavam *in multis argumentis*. Falavam de muitas coisas, de tudo o que lhe perguntavam: ficavam conversando» [14].

Também esta convivência contínua, que torna a própria vida em tema de conversa com Deus, podemos ainda procurar conhecê-lo cada vez mais, indo em busca dele em alguns lugares em que quis

permanecer de um modo mais explícito. Vamos agora ver três desses temas.

Os relatos dos amigos do Senhor

Os evangelistas, inspirados pelo Espírito Santo, conservaram, as principais lembranças do Mestre. S. Josemaria era um enamorado de Jesus, e por isso «a Sagrada Bíblia, especialmente os Evangelhos, não foi nas suas mãos apenas um bom livro de leitura onde podia encontrar instrução proveitosa, abundante, mas um lugar de encontro com Cristo» [15].

Desde o princípio, aqueles que se aproximavam dos trabalhos da Obra compreendiam logo que o jovem sacerdote era uma alma que vivia em união íntima com Deus. Essa intimidade brotava na sua pregação: «“dirigia-se ao Sacrário para falar com Deus, com o mesmo realismo com que nos falava a nós”, “e cada um nós se sentia imediatamente no meio dos apóstolos e dos discípulos do Senhor, como se fosse um deles”» [16]. Esse modo de se aproximar da Escritura é o mesmo que depois recomendava. Muitas vezes o teremos considerado: «Aconselho-te a que, na tua oração, intervenhas nas passagens do Evangelho, como um personagem mais. Primeiro, imaginas a cena ou o mistério, que te servirá para te recolheres e meditares. Depois, aplicas o entendimento, para considerar aquele rasgo da vida do Mestre: o seu Coração enternecido, a sua humildade, a sua pureza, o seu cumprimento da Vontade do Pai. Conta-lhe então o que te costuma suceder nestes assuntos, o que se passa contigo, o que te está a acontecer. Mantém-te atento, porque talvez Ele queira indicar-te alguma coisa: surgirão essas moções interiores, o caíres em ti, as admoestações» [17].

Com este conselho, estava a revelar-nos um segredo da sua alma. Comentando este modo de se aproximar da Escritura, o Beato Álvaro del Portillo comentava: « A familiaridade com Nosso Senhor, com a sua Mãe, Santa Maria, com S. José, com os primeiros doze apóstolos , com Marta, Maria e Lázaro, com José de Arimateia e Nicodemos, com os discípulos de Emaús, com as Santas Mulheres,

é algo vivo, consequência e resultado de uma conversa ininterrupta, de esse meter-se nas cenas do Santo Evangelho a fim de ser mais uma personagem» [18].

A validade deste modo de orar é referendado pela vida e os ensinamentos de muitos santos. É o mesmo que últimos Pontífices recomendaram ao indicar a importância de nos aproximarmos do Evangelho em atitude orante, sugerindo a prática da *lectio divina*, aproximarmo-nos dos Evangelhos sem pressas, detidamente. Começando por uma passagem, podemos deter-nos e pensar: «Como seria aquilo?», e introduzimo-nos na cena «como mais uma personagem», imaginando o rosto das pessoas, o rosto de Jesus. Procuraremos então compreender o sentido das suas palavras, sabendo que em muitas ocasiões podemos necessitar de alguma explicação, pois estamos perante um texto antigo, que pertence a uma cultura diferente da nossa. Deste modo é importante contar com uma versão do texto que tenha suficientes anotações, de apoiar-se também em bons livros sobre o Evangelho e sobre a Sagrada Escritura.

Depois, lemos de novo o texto e perguntamo-nos a nós próprios: «"Senhor, que me diz a mim este texto? Que queres mudar na minha vida com esta mensagem? O que me molesta neste texto? Por que razão isto não me interessa?" ou então ""O que me agrada? A que me estimula esta Palavra? O que me atrai? Porque me atrai?"» [19]. Talvez nos venha à cabeça uma pessoa necessitada que temos por perto, talvez nos lembremos de que devemos pedir perdão a alguém... Por fim, consideremos: Como posso responder, na minha vida, àquilo que Jesus me propõe neste texto. «Permanece atento, porque talvez Ele quererá indicar-te alguma coisa: e surgirão essas moções interiores, esse dar-se conta dessas reconvenções» [20]. Talvez nos sugira um pouco de amor, um desejo de entrega, e sempre, a certeza de que Ele nos acompanha. Esta contemplação da vida do Senhor é fundamental para o cristão, pois «tende a criar em nós uma visão sapiencial, segundo Deus, da realidade e a fomentar em nós "a mente de Cristo" (1 Co 2,16)» [21].

Sem dúvida, existem muitos caminhos para ganhar intimidade com Jesus através da Sagrada Escritura. Por isso, S. Josemaria não pretendia apresentar um método, mas apenas dar alguns conselhos práticos que pudessem servir para a meditação e contemplação, até chegar a «a irromper em afetos: atos de amor ou de dor, ações de graças, petições, propósitos..., que constituem o fruto maduro da oração verdadeira» [22].

O Senhor espera-nos no Sacrário

Quando te aproximares do Sacrário, pensa que Ele!... está à espera de ti há vinte séculos» [23]. A Eucaristia é sem dúvida um lugar privilegiado para encontrar Jesus Cristo e ganhar amizade com Ele. Esse é também o caminho que seguiu S. Josemaria. A sua fé na presença viva de Cristo manifestava-se em todos os gestos diante do Santíssimo Sacramento. Encarnita Ortega, que o conheceu nos anos quarenta, recordava assim a primeira meditação que o ouviu pregar, a que assistiu com alguma curiosidade: «O seu recolhimento, cheio de naturalidade, a genuflexão diante do Sacrário e o modo de nos descobrir a oração preparatória da meditação, animando-nos a sermos conscientes de que o Senhor estava ali, e nos via e nos escutava, fez-me esquecer imediatamente o meu desejo de ouvir um grande orador»; abriu caminho no seu interior, sim, uma viva percepção da «necessidade de ouvir a Deus e de ser generosa para com Ele» [24]

Lembram o mesmo os que viram celebrar a Santa Missa: «O modo de o Padre celebrar a Santa Missa, o tom sincero e cheio de atenção com que rezava as diferentes orações, o recolhimento, sem a menor afetação, as suas genuflexões e as outras rubricas, muito vivamente: Deus estava ali, realmente presente» [25]. Não eram coisas especiais, mas o modo de estar e de se mover, a intensidade das orações, o recolhimento. Também nós podemos ganhar intimidade assim com Deus, se vivermos com a certeza de que Cristo, o «amigo do coração», está verdadeiramente presente na Eucaristia. Aos que viviam na primeira Residência da Obra, quando foi possível reservar o Senhor no Sacrário, o Padre

lembrava-lhes que Deus mais um residente – o primeiro -, pelo que animava cada um a que estivesse um tempo fazendo-lhe companhia, que o “cumprimentasse” com uma genuflexão ao entrar e ao sair de DYA, ou que fosse ao Sacrário com o pensamento, quando estava no quarto» [26].

São estes detalhes pequenos, quando pomos o coração neles, os que exprimem e ao mesmo tempo alimentam a nossa fé: dirigir o nosso pensamento quando virmos uma igreja, fazer-lhe uma breve visita durante o dia, procurar viver a Missa com intensidade e recolhimento, irmos com a imaginação ao Sacrário para cumprimentar o Senhor ou para lhe oferecer o nosso trabalho... Detalhes, os mesmos que vivemos com os nossos amigos, quando vamos a estar com eles ou lhes enviamos uma mensagem durante o dia.

Cristo presente em quem nos rodeia

O mandamento do Amor é o sinal distintivo daqueles que seguem Cristo. E não é apenas um modo de vida, mas algo que nasce da fé em que o próprio Jesus Cristo está presente nas pessoas que nos rodeiam. É algo de profundamente arreigado nos ensinamentos de Nosso Senhor: em diferentes ocasiões nos lembra que, ao cuidar de quem necessita - e todos, cada um de seu modo, precisam de nós -, na realidade é Ele mesmo a quem cuidamos [27]. Por isso, é tão importante «reconhecer a Cristo, que nos sai ao encontro, em nossos irmãos os homens [28]».

S. Josemaria procurou encontrar Cristo, em primeiro lugar, entre as pessoas mais desvalidas. Nos primeiros anos da década de trinta, dedicou muitas horas a visitar famílias carenciadas nos bairros pobres de Madrid. Mais tarde, soube transmitir a urgência desses cuidados aos jovens que se aproximavam da Obra. Esses mesmos jovens experimentavam também o carinho – humano e divino – que o Padre tinha para com eles. Francisco Botella, por exemplo, recordava que, quando o conheceu, o acolheu «como se o conhecesse desde sempre; guardo ainda na minha memória o seu olhar profundo que penetrou na minha alma e a sua alegria que me

comoveu enchendo-o de alegria e de paz. Pareceu-me que me conhecia por dentro e ao mesmo tempo, tudo com uma naturalidade e simplicidade que me faziam estar ali como com a minha família» [29]. Outro desses jovens, não especialmente sentimental, reconhecia: «tem um cuidado connosco, com o teriam as nossas mães» [30].

Naqueles jovens, como nos pobres e doentes, S. Josemaria tinha *encontrado* o seu Amigo. Anos mais tarde, «pensativo, com os seus amigos à volta, perguntava-lhes: «meus filhos, sabeis porque vos quero tanto?». Fazia-se silêncio e o Padre acrescentava “porque vejo borbulhar em vós o Sangue de Jesus Cristo”» [31]. Jesus, o seu Amigo, tinha-o levado a encontrá-lo nas pessoas que o rodeavam, e particularmente nos mais carenciados. Também nós, junto com o Evangelho e a Eucaristia, «somos chamados a servir Jesus crucificado em todas pessoas marginalizadas, a tocar a sua carne bendita em quem se sente excluído, tem fome ou sede , está nu, preso, doente, desempregado, perseguido, refugiado, emigrante. Aí encontramos o nosso Deus, aí tocamos o Senhor» [32].

Notas

[1] S. Josemaria, *Caminho*, n. 88.

[2] *Caminho*, edición crítico-histórica de P. Rodríguez, 3ª ed., Rialp, Madrid 2004, comentário ao n. 88. Cf. R. Herrando, *Los años de seminario de Josemaría Escrivá en Zaragoza (1920-1925)*, Rialp, Madrid 2002, 197-201.

[3] S. Josemaria, *Apuntes íntimos*, n. 1637 (citado em *Camino*, edición crítico-histórica, comentario al n. 422). O primeiro dia do retiro foi a 4 de outubro de 1932. O texto serviu de base para *Forja*, n. 2.

[4] *Carta 29-XII-1947/14-II-1966*, n. 11, citado em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. 1, Rialp, Madrid 1997, 308.

[5] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 169.

[6] *Caminho*, n. 422.

[7] Cfr. *ibid.*, n. 244, 436.

[8] S. Josemaria, *Forja*, n. 495.

[9] S. Canals, *Ascética meditada*, Rialp, Madrid 2011, cap. “Jesús, como amigo”.

[10] *Caminho*, n. 91.

[11] Santo Agostinho, *Solilóquios* II, 1.1.

[12] Santa Teresa de Jesus, *Libro de la vida*, c. 8, n. 5.

[13] *Forja*, n. 738.

[14] S. Josemaria, citado em *Dos meses de catequesis*, vol. II, 651 (AGP, Biblioteca P04).

[15] S. Hahn, “San Josemaría Escrivá, lector de la Sagrada Escritura”, en *Romana*, 40 (2005).

[16] Testemunho de F. Botella, em J.L. González Gullón, *DYA. La Academia y Residencia en la historia del Opus Dei (1933-1939)*, Madrid, Rialp 2016, 3ª ed., 429.

[17] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 253.

[18] Beato Álvaro del Portillo, “Apresentação” a *Cristo que Passa*.

[19] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium* (24-XI-2013), n. 153.

[20] *Amigos de Deus*, n. 253.

[21] Bento XVI, Ex. Ap. *Verbum Domini*, (30-X-2010), n. 87.

[22] Javier Echevarría, “San Josemaría Escrivá, maestro de oración en la vida ordinaria”, *Magnificat* 2006.

[23] *Caminho*, n. 537.

[24] Testemunho citado em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. II, Rialp, Madrid 2002, 555.

[25] Testemunho de Francisco Ponz, en A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. II, 407.

[26] *DYA. La Academia y Residencia...*, 342.

[27] Cfr. *Mt* 10,40; 25,40; *Lc* 10,16.

[28] *Cristo que passa*, n. 111.

[29] Testemunho de F. Botella, en *DYA. La Academia y Residencia...*, 433.

[30] Testemunho de J. Jiménez Vargas, en *DYA. La Academia y Residencia...*, 443.

[31] Citado em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. III, Rialp, Madrid 2003, 405.

[32] Francisco, *Via Crucis con los jóvenes durante la Jornada Mundial de la Juventud*, 29-VII-2016.

A partir da chaga da mão direita...

Meter-nos nas chagas de Cristo: deixar-nos tocar pelo Amor de Deus, e tocar Deus nos que sofrem. Um caminho de contemplação e compaixão.

S. João conta que no dia da ressurreição, ao entardecer, os discípulos tinham-se reunido em casa com as «portas fechadas com medo dos judeus» (*Jo 20,19*). Estavam fechados, cheios de temor. Então, «veio Jesus, apresentou-se no meio deles e disse-lhes: – A paz esteja convosco. E dito isto mostrou-lhes a mãos e o lado» (*Jo 20,19-20*). De repente, o desânimo daqueles homens transformou-se numa profunda alegria. Receberam a paz que o Senhor lhes trazia e acolheram depois o dom do Espírito Santo (*Cfr. Jo 20,22*).

Muitos detalhes chamam a atenção nesta cena do Evangelho. O que é que os apóstolos esperavam? Jesus apresenta-se inesperadamente diante deles e a sua presença enche-os de alegria e de paz. Conhecemos algumas das suas palavras e dos seus gestos, mas como seria o olhar que lhes dirigiu? Tinham-no abandonado. Deixaram-no sozinho. Fugiram cobardemente. No entanto, o Senhor não os censura. Ele próprio o tinha anunciado. Sabia que daquela debilidade podia surgir uma profunda conversão: «Eu roguei por ti» – dizia a Pedro antes da paixão – «para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma os teus irmãos» (*Lc 22,31-32*). O coração contrito dos apóstolos podia acolher agora mais plenamente o Amor que Deus lhes oferecia. De outro modo, talvez eles – e Pedro à cabeça – teriam continuado a contar demasiado com as suas próprias forças.

Por outro lado, porque é que Jesus lhes mostra as mãos e o lado? Ficou neles um rasto evidente do tormento da crucifixão. E, no entanto, a vista das chagas não os enche de dor, mas de paz; não

lhes provoca rejeição, mas alegria. Pensando bem, essas marcas dos cravos e da lança são um selo do Amor de Deus. Trata-se de um detalhe cheio de sentido: Jesus quis que no seu corpo permanecessem as feridas da Paixão depois de ressuscitar para que não ficasse nenhum resquício de desconfiança e ninguém pudesse pensar que, à vista da nossa resposta tantas vezes medíocre e mesmo fria, se ia arrepender do que tinha feito. O Amor de Cristo é firme e plenamente consciente.

Além disso, para o incrédulo Tomás as chagas serão o sinal inequívoco da Ressurreição. Jesus é o Filho de Deus, que verdadeiramente morreu e ressuscitou pelos nossos pecados. «As chagas de Jesus – ensina o Papa – são um escândalo para a fé, mas são também a comprovação da Fé. Por isso, no corpo de Cristo ressuscitado as chagas não desaparecem, permanecem, porque aquelas chagas são o sinal permanente do amor de Deus por nós e são indispensáveis para crer em Deus. Não para crer que Deus existe, mas para crer que Deus é amor, misericórdia, fidelidade. S. Pedro, citando Isaías, escreve aos cristãos: «As Suas feridas curaram-nos» (1P 2,24; cf. Is 53,5)»[1].

A tradição espiritual encontrou nas chagas do Senhor um manancial de doçura. S. Bernardo, por exemplo, escrevia: «Através destas fissuras, posso provar mel silvestre e azeite de rochas de pedernal (cfr. Dt 32,13), quer dizer, posso saborear e ver como o Senhor é bom»[2]. Nessas feridas reconhecemos o Amor de Deus sem medida. Do seu coração trespassado brota o dom do Espírito Santo (cfr. Jo 7,36-39). Ao mesmo tempo, as feridas do Senhor são um refúgio seguro. Descobrir a profundidade dessas fendas pode abrir um novo Mediterrâneo na nossa vida interior.

«A Chaga Santíssima da mão direita do meu Senhor»

«Meti-vos nas chagas de Cristo», sugeria S. João de Ávila: «aí, diz Ele que mora a sua pomba, que é a alma que em simplicidade o procura»[3]. «Nas Vossas chagas, escondi-me», reza uma conhecida oração. Também S. Josemaria fará seu este modo de se

aproximar do Mestre, tão arraigado entre os cristãos. Assim, em 1933, anota: «Meter-me, cada dia, numa chaga do meu Jesus»[4].

Esta é uma das devoções que manterá ao longo da sua vida inteira, e que recomendará também aos jovens que se aproximam dele[5]. Contudo, ganha um relevo especial a partir de uma experiência que lhe abriu um panorama novo, imenso, e que teve lugar em plena guerra civil espanhola, enquanto vivia em Burgos. Era uma época de sofrimento para ele: os seus filhos no Opus Dei encontravam-se espalhados pela península; uns nas frentes de batalha, outros escondidos em diferentes pontos, alguns deles ainda na zona em que havia perseguição religiosa. O mesmo sucedia com a sua mãe e os seus irmãos. Das suas filhas espirituais, enfim, mal tinha notícias. Além disso, alguns dos que antes o seguiam tinham perdido a vida durante a guerra.

Nestas circunstâncias, S. Josemaria sentia-se chamado a redobrar os seus esforços, a sua oração e, em particular, as suas penitências. No entanto, nos primeiros dias de junho de 1938, enquanto se dirigia para o Mosteiro das Huelgas, onde estava a realizar uma tarefa de investigação, recebe uma especial luz de Deus, que descreve numa carta a Juan Jiménez Vargas, nesse mesmo dia:

«Querido Juanito: Esta manhã, a caminho das Huelgas, onde fui para fazer a minha oração, *descobri* um Mediterrâneo: a Chaga Santíssima da mão direita do meu Senhor. E ali me tens: todo o dia entre beijos e adorações. É verdadeiramente amável a Santa Humanidade do nosso Deus! Pede-lhe tu que Ele me dê o seu verdadeiro Amor: assim ficarão bem purificados todos os meus outros afectos. Não vale dizer: coração na Cruz!: porque, se uma Ferida de Cristo limpa, cura, aquieta, fortalece, inflama e enamora, o que não farão as Cinco abertas no madeiro? Coração, na Cruz!: Meu Jesus, que mais queria eu! Entendo que, se continuo por este modo de contemplar (meteu-me S. José, meu Pai e Senhor, a quem pedi que me soprasse), vou tornar-me mais *louco* do que nunca estive. Experimenta tu!»[6]

Já há algum tempo que percorria o caminho da Humanidade do Senhor. Também a devoção às chagas de Cristo. Contudo, inopinadamente, abriu-se diante dele como que «um Mediterrâneo». Aprofundou de repente no significado de Amor redentor que tinham aquelas feridas, e compreendeu que o melhor modo de corresponder a tão grande Amor não consistia no que ele pudesse *fazer*, mas justamente em se submergir n'Ele: contemplando-O e deixando-se abraçar inteiramente por esse Amor. A carta continua precisamente a propósito do esforço que lhe provoca a sua situação: «Sinto uma inveja enorme dos que estão nas frentes, apesar de tudo». E alude à figura célebre de um sacerdote castrense, conhecido pela sua vida penitente: «Ocorre-me pensar que, se não tivesse bem assinalado o meu caminho, seria magnífico deixar para trás o P. Doyle. Mas... isso ir-me-ia muito bem: a penitência nunca me custou grande coisa. Sem dúvida, é esta a razão de que me levem por outro caminho: o Amor». O seu caminho é o Amor: amar e deixar-se amar. Ao despedir-se, confirma-se nesta convicção: «Um abraço. A partir da Chaga da mão direita, abençoa-te o teu Padre»[7].

Aquele acontecimento, aquela luz inesperada, foi um sinal de esperança e constituiu sem dúvida um estímulo para o seu trabalho sacerdotal. Graças a esta iluminação divina, uma realidade conhecida e repetidas vezes meditada – um caminho transitado e recomendado por ele próprio – converteu-se de repente numa *novidade*, uma mina de riqueza inesgotável, da qual já não queria separar-se.

Defendidos pelo Amor

As chagas de Jesus são um recordatório perene do seu Amor, que chegou ao extremo no seu sacrifício na Cruz. Deus não se arrepende de nos amar. Por isso, a contemplação desse seu Amor é uma fonte de esperança. À vista do Ressuscitado, que conserva as marcas da sua Paixão, apercebemo-nos de que «precisamente ali, no ponto extremo da sua humilhação – que é também el ponto mais alto do amor – germinou a esperança. Se algum de vós pergunta:

“Como nasce a esperança?”. “Da cruz. Olha para a cruz, olha para Cristo Crucificado e dali te chegará a esperança que já não desaparece, essa que dura até à vida eterna”»[8]. Na Cruz nasceu e renasce sempre a nossa esperança. Assim, «com Jesus cada obscuridade nossa pode ser transformada em luz, toda a derrota em vitória, toda a desilusão em esperança. Toda: sim, toda»[9]. É essa segurança que fazia exclamar a S. Paulo: «Quem nos afastará do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, ou a espada? (...) Mas em todas essas coisas vencemos amplamente graças àquele que nos amou» (Rm 8,35.37).

Ao constatar a nossa debilidade e o nosso pecado, frequentemente pode colar-se na nossa alma, de diversos modos, a tentação da desesperança. O que no momento tínhamos aceitado talvez com frivolidade ou com certa condescendência, apresenta-se de repente como um absurdo «não», uma bofetada a Deus que nos ama. Também a nossa resposta tibia e sem vontade pode ser um motivo de desespero. Mas tudo isso não é mais do que uma série de tentações da mesma coisa que nos fez cair. Contemplar as chagas do Senhor pode ser o melhor modo de reagir: as suas chagas recordam-nos que o seu amor é «forte como a morte» (Cant 8,16). Mais ainda, porque o seu Amor venceu a morte. Um poeta contemporâneo expressa-o de um modo tão sintético quão formoso: «Lavado pela água do lado / e dentro da ferida defendido / de tanto não que só traz nada, / de tanto tívio sim, de tanta trégua»[10].

Voltar a contemplar a Humanidade do Senhor, ferida pelos nossos pecados, ressuscitada, pode ser para nós uma fonte de esperança. Como aos apóstolos, Jesus não nos olha com ressentimento. Não nos lança à cara os nossos pecados, as nossas debilidades, as nossas traições. Pelo contrário, *reafirma-nos*, porque o seu amor é verdadeiramente *incondicional*. Não nos diz: «Amo-te, se te portas bem», mas «Amo-te, para mim és um tesouro, e continuarás a sê-lo aconteça o que acontecer». Essa consciência, que pode nascer contemplando as feridas abertas no corpo do Senhor, encher-nos-á de alegria e de paz. *Aconteça o que acontecer*, podemos refugiar-nos nelas, acolhendo-nos de novo ao

perdão de Deus: «Na minha vida pessoal – contava o Papa numa homilia – vi muitas vezes o rosto misericordioso de Deus, a sua paciência; vi também em muitas pessoas a determinação de entrar nas chagas de Jesus, dizendo-Lhe: “Senhor estou aqui, aceita a minha pobreza, esconde nas tuas chagas o meu pecado, lava-o com o teu sangue”. E vi sempre que Deus o fez, acolheu, consolou, lavou, amou»[11].

Reconhecer a nossa pequenez não é uma derrota, nem uma humilhação. Poderia sê-lo, se Deus fosse alguém que quisesse dominar-nos. Mas não é. É o Amor que O move: o Amor incondicional que nos dá, e que espera que saibamos acolher.

O caminho da compaixão

Existem muitos modos de se aproximar das chagas do Senhor. «Ide como mais vos comova», aconselhava S. Josemaria[12]. Sabemos como Lhe agradava meter-se com a imaginação no Evangelho. Em *Santo Rosário*, por exemplo, ao contemplar o primeiro mistério glorioso, comenta: «E, antes de terminar a dezena, tu beijaste as chagas dos seus pés..., e eu mais atrevido – por mais criança – pus os meus lábios sobre o seu lado aberto»[13].

Recordando o modo como S. Josemaria fazia a ação de graças da Missa, lugar privilegiado para renovar diariamente o seu encontro pessoal com o Amor da sua Vida, D. Javier descrevia como «se ajoelhava nos primeiros minutos, no chão ou no genuflexório: olhando para o crucifixo de bolso seguro nas suas mãos, recitava a oração *En ego* [*Olhai para mim, oh meu amado e bom Jesus*]. Enquanto repetia as palavras que se referiam às chagas do Senhor, beijava devotamente cada uma»[14].

As feridas do Senhor, que com tanta profundidade S. Josemaria descobriu naquela manhã de junho, não só revelam o Amor que o Senhor nos tem: são ao mesmo tempo um convite a corredimir com Ele, como o faz Santa Maria; a ser seu Cireneu, a consolá-lo por tantas ofensas que ferem o seu Coração, sobretudo porque ferem o nosso... Um apelo, enfim, a cuidá-lo precisamente naqueles «irmãos

mais pequenos» com quem se identifica, em quem de algum modo quis ficar (Cfr. *Mt* 25,40).

Por isso, dentro do itinerário que levou S. Josemaria a descobrir aquele Mediterrâneo – sem dúvida uma luz de Deus – não é possível esquecer a enorme quantidade de horas que dedicou a cuidar de doentes e de pessoas sem recursos pelos bairros mais pobres de Madrid. Esse é, naturalmente, um modo excelente de descobrir o Amor de Deus: sair de nós mesmos para tocar Jesus nas pessoas que sofrem. Para S. Josemaria, tratava-se de um caminho seguro.

Esse caminho leva-nos a deixarmo-nos interpelar por Ele, a aproximarmo-nos das suas chagas e a responder com amor ao seu Amor. Aprendemos assim a viver com os outros a mesma ternura que Deus derrama sobre a nossa debilidade pessoal. Por este caminho, a nossa própria vida adquire um renovado sentido de missão que nos lança para além de nós mesmos, contando não com as nossas forças, mas com uma chamada que vem de Deus, que nos transforma e conta connosco para semear no mundo a sua paz e a sua alegria. O Papa insiste incansavelmente neste ponto: «Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. (...) Quando o fazemos, a vida sempre se nos complica maravilhosamente e vivemos a intensa experiência de ser povo, a experiência de pertencer a um povo»[\[15\]](#).

Meter-nos nas chagas de Cristo, pelo caminho da compaixão e da contemplação, pode abrir-nos um autêntico Mediterrâneo: aprendemos assim a refugiar-nos nessas feridas de Amor, e a amar com todo o coração aqueles que nos rodeiam, começando pelos que mais o necessitam, que muitas vezes estão à beira do caminho, na nossa própria casa.

Notas

[\[1\]](#) Francisco, *Homilia*, 27-IV-2014.

[2] S. Bernardo, *Sermão 61* (Sobre o livro do *Cântico dos cânticos*), 4. Abundantes testemunhos sobre esta devoção, e um modo de a viver, podem encontrar-se em P. Beteta, *Mirarán al que traspasaron*, Rialp, Madrid 2009.

[3] S. João de Ávila, *Epistolário*, carta 47. Cfr. *Cant 2,16*.

[4] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1799b, de 1933, em *Santo Rosário. Edición crítico-histórica*, Rialp, Madrid 2010, comentário ao primeiro mistério glorioso, p. 226, nota 5.

[5] «Ficarei metido, cada dia, cumprindo um propósito antigo, na Chaga do Lado do meu Senhor»: S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1763, de 1934; em *Caminho. Edición crítico-histórica*, Rialp, Madrid 2004, 3ª ed., comentário al n. 288.

[6] S. Josemaria, Carta a Juan Jiménez Vargas, 6-VI-1938, em A. Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, vol. 2, Rialp, Madrid 2002, 288-289.

[7] *Ibidem*.

[8] Francisco, *Audiência geral*, 12-IV-2017.

[9] *Ibidem*.

[10] Julio Martínez Mesanza, “Defendido”, em *Gloria*, Rialp, Madrid 2016.

[11] Francisco, *Homilia*, 7-IV-2013.

[12] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 303.

[13] S. Josemaria, *Santo Rosário*, primeiro mistério glorioso.

[14] Javier Echevarría, *Lembrando o Beato Josemaria*, Diel, Lisboa 2000, p. 196.

[15] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-IX-2013), n. 270.

Não fale: oiça-O

S. Josemaria “descobre” o Espírito Santo através de um simples conselho que também pode iluminar a nossa vida espiritual.

Antes de voltar para junto do Pai, Jesus advertiu os seus apóstolos: «Eu vou mandar sobre vós o Prometido por Meu Pai. Entretanto permaneci na cidade até que sejais revestidos da força do alto» (Lc 24,49). Os apóstolos ficaram em Jerusalém, à espera do Prometido de Deus. Na realidade, a promessa, o dom, era o próprio Deus, no Seu Espírito Santo. Poucos dias mais tarde, na festa de Pentecostes, recebê-lo-iam, enchendo-se da graça de Deus. «Os discípulos, que já eram testemunhas da glória do Ressuscitado, experimentaram em si a força do Espírito Santo: as suas inteligências e os seus corações abriram-se a uma nova luz»[1]. Naquele mesmo dia começaram a pregar com audácia e, ao escutar as palavras de S. Pedro, conta a Escritura que foram batizados «e uniram-se-lhes umas três mil almas» (Act 2,41).

S. Josemaria recordava frequentemente que o dom do Espírito Santo não é uma recordação do passado, mas um fenómeno sempre atual. «Também nós, como aqueles primeiros que se aproximaram de S. Pedro no dia de Pentecostes, fomos batizados. No batismo, o Nosso Pai Deus tomou posse das nossas vidas, incorporou-nos à de Cristo e enviou-nos o Espírito Santo»[2]. Primeiro no batismo e, depois, na confirmação, recebemos a plenitude do dom de Deus, a vida da Trindade.

O dom de Deus, a salvação que recebemos, não é uma *coisa*, mas uma *Pessoa*. Por isso, toda a vida cristã nasce da relação pessoal com o Deus que vem habitar nos nossos corações. Esta é uma verdade conhecida: encontra-se no fundamento da vida de fé. No entanto, pode ser também algo que tenhamos que descobrir.

«Ao longo do ano de 1932 assistimos a um forte desenvolvimento da devoção ao Espírito Santo em S. Josemaria», salienta um dos melhores conhecedores da sua obra[3]. Depois de meses a procurar intimar mais com o Paráclito, recebe uma particular luz que lhe abre um novo panorama, como sabemos por uma sua anotação desse mesmo dia:

«Oitava de todos os Santos – terça-feira – 8-XI-32: Esta manhã, ainda não há uma hora, o meu P. Sánchez descobriu-me ‘outro Mediterrâneo’. Disse-me: ‘tenha amizade com o Espírito Santo. Não fale: oiça-O’. E de Leganitos, fazendo oração, uma oração mansa e luminosa, considerei que a vida de infância, ao fazer-me sentir que sou filho de Deus, deu-me amor ao Pai; que, antes, fui por Maria a Jesus, a quem adoro como amigo, como irmão, como apaixonado seu que sou... Até agora, sabia que o Espírito Santo habitava na minha alma, para a santificar..., mas não *apanhei* essa verdade da Sua presença. Foram precisas as palavras do P. Sánchez: sinto o Amor dentro de mim: e quero dar-me com Ele, ser seu amigo, seu confidente..., facilitar-Lhe o trabalho de polir, de arrancar, de inflamar... Não o saberei fazer, no entanto: Ele me dará forças, Ele fará tudo, se eu quero... e sim, quero! Divino Hóspede, Mestre, Luz, Guia, Amor: que o pobre burrico saiba obsequiar-Te e escutar as Tuas lições, e inflamar-se, e seguir-Te e amar-Te – Propósito: *frequentar*, a ser possível sem interrupção, a amizade e o trato amoroso e dócil com o Espírito Santo. *Veni Sancte Spiritus!*..[4].

Nestas notas, S. Josemaria recolhe o itinerário espiritual pelo qual Deus o tinha ido levando: a descoberta da filiação divina, a mediação de Maria para Jesus, o tesouro da amizade de Cristo... até tomar consciência da presença do Amor de Deus no seu interior. Como escreveu muitos anos mais tarde, chega um momento em que o coração necessita de «distinguir e adorar cada uma das Pessoas divinas. (...) E entretém-se amorosamente com o Pai e com o Filho e com o Espírito Santo; e submete-se facilmente à atividade do Paráclito vivificador, que se nos entrega sem que o mereçamos: os dons e as virtudes sobrenaturais!»[5]

Que o Espírito Santo habita na alma do cristão é algo que ele já *sabia*, mas não o tinha captado ainda como algo *vivido*, experimentado em profundidade. Com ocasião daquelas palavras do seu diretor espiritual, abre-se diante dos seus olhos um novo horizonte, algo que não somente *entende*, mas que, sobretudo, *vive*: «sinto o Amor dentro de mim». Diante dessa maravilha, inflama-se em desejos de corresponder, pondo-se à disposição desse Amor: «quero intimar com Ele, ser seu amigo, seu confidente..., facilitar-Lhe o trabalho de polir, de arrancar, de inflamar...» E perante o medo de não ser capaz, de não estar à altura, ergue-se a segurança de que é Deus quem o fará, se ele deixar.

A primeira coisa que chama a atenção no Mediterrâneo que se abre diante de S. Josemaria é o *protagonismo de Deus*. Umas semanas mais tarde daria forma ao que seria o n. 57 de *Caminho*: «Frequenta o trato com o Espírito Santo – o Grande Desconhecido – que é Quem te há de santificar»[6]. A nossa santidade é obra de Deus, ainda que muitas vezes esse Deus que nos santifica se tenha convertido no «Grande Desconhecido».

Num mundo como o nosso, que põe o acento no *fazer* humano e no fruto do nosso esforço, nem sempre temos presente que a salvação que recebemos de Deus é fundamentalmente um *dom gratuito*. Com palavras de S. Paulo: «pela graça fostes salvos mediante a fé» (Ef 2,8). É claro que o empenho que nós pomos é importante, e não é a mesma coisa viver de um modo ou de outro. No entanto, toda a nossa ação parte da segurança de que «o cristianismo é graça, é a surpresa de um Deus que, satisfeito não só com a criação do mundo e do homem, se pôs ao lado da Sua criatura»[7]. E isso é algo que a cada um cabe descobrir *de modo pessoal*. Como o Papa Francisco gosta de repetir, trata-se de reconhecer que «Deus é quem nos *'primeireia'*. Estamos à Sua procura, mas Ele procura-nos primeiro. Queremos encontrá-l'O, mas Ele encontra-nos primeiro»[8].

Desta descoberta nasce «um princípio essencial da visão cristã da vida: a *primazia da graça*»[9]. Passados anos, não perderam

atualidade as palavras com que S. João Paulo II preparava a Igreja para o novo milénio. Concretamente, o Papa alertava para uma tentação que pode insinuar-se na vida espiritual ou na missão apostólica: «pensar que os resultados dependem da nossa capacidade de fazer e programar»[10]. Assim, poderíamos considerar que a nossa vida interior não é tão intensa como esperávamos porque não nos esforçamos suficientemente, ou que o nosso apostolado não dá o fruto previsto porque nos faltou exigência. Essa pode ser parte do problema, mas não o explica totalmente. Os cristãos sabem que é Deus quem faz as coisas: «as obras apostólicas não crescem com as forças humanas, mas ao sopro do Espírito Santo»[11]. Eis aqui outro modo de reconhecer que a nossa vida não vale pelo que fazemos, nem perde valor pelo pouco que fazemos, ou pelos nossos fracassos... enquanto nos voltarmos para esse Deus que quis viver no meio de nós. «Viver segundo o Espírito Santo é viver de fé, de esperança, de caridade; deixar que Deus tome posse de nós e mude de raiz os nossos corações, para os fazer à Sua medida»[12]. O autêntico ponto de partida para a vida cristã, «para fazer as obras boas» que o nosso Pai Deus nos confia (Ef 2,10) é, pois, um agradecido receber – acolher o dom de Deus – que nos leva a viver no abandono esperançoso próprio dos filhos de Deus[13].

Acolher o dom de Deus é receber uma Pessoa, e por isso se entende o conselho do P. Sánchez a S. Josemaria: «tenha amizade com o Espírito Santo. Não fale: oiça-O». Com uma pessoa tem-se amizade, e a amizade cresce no diálogo. Por isso, ao descobrir a presença pessoal de Deus no seu coração, S. Josemaria fez um propósito concreto: «*frequentar*, a ser possível sem interrupção, a amizade e trato amoroso e dócil do Espírito Santo». Isso é o que podemos pôr da nossa parte para *O ouvir*.

Trata-se de um caminho transitável para todos os cristãos: abrir-se continuamente à ação do Paráclito, escutar as Suas inspirações, deixar que nos leve «para a verdade total» (Jo 16,13). Jesus tinha prometido aos Doze: «Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos disse» (Jo 14,26). O Espírito Santo é

quem nos permite viver segundo os desígnios de Deus, pois Ele é também quem nos «anunciará as coisas que estão para vir» (Jo 16,13).

Os primeiros cristãos compreenderam esta realidade, e sobretudo *viveram-na*. «Não há uma única página dos *Atos dos Apóstolos* em que não se nos fale d'Ele e da ação pela qual guia, dirige e anima a vida e as obras da primitiva comunidade cristã»[14]. Com efeito, «todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (Rm 8,14). E deixamo-nos levar por Ele enquanto procuramos treinar-nos, um e outro dia, na «difícil disciplina da escuta»[15]. Tratar o Espírito Santo é procurar escutar a Sua voz, «que te fala através dos acontecimentos da vida diária, através das alegrias e dos sofrimentos que a acompanham, através das pessoas que se encontram ao teu lado, através da voz da tua consciência, sedenta de verdade, de felicidade, de bondade e de beleza»[16].

Nesse sentido, é interessante uma passagem do último livro-entrevista de Bento XVI. O jornalista pergunta se não há momentos em que o Papa «se pode sentir terrivelmente só»: «Sim – responde Bento XVI – mas graças a sentir-me tão vinculado ao Senhor, nunca estou de todo só»; e a seguir acrescenta: «Sabemos simplesmente: não sou eu que faz isto. Sozinho, não o poderia fazer. Ele está sempre ali. Não tenho senão que O escutar e abrir-me de par em par a Ele»[17]. A perspectiva de partilhar a própria vida com Deus, de viver da amizade com Ele, é hoje tão atrativa como sempre foi. Mas, «como se consegue essa escuta, esse abrir-se de par em par a Deus?». O Papa emérito ri-se, e o jornalista insiste: «qual é o melhor modo?» Bento XVI responde, com simplicidade: «Pois, suplicando ao Senhor – tens que me ajudar agora! – e recolhendo-se interiormente, permanecendo em silêncio. E depois pode-se sempre bater de novo à porta com a oração, e costuma funcionar»[18].

Aprender a reconhecer a Sua voz

Na nossa própria vida de oração, talvez sem o pretender, às vezes podemos esperar fenômenos algo extraordinários que nos *assegurem* que estamos a falar com Deus, que Ele nos escuta, que nos fala. A vida espiritual, pelo contrário, realiza-se de um modo mais quotidiano. Mais do que de receber graças especiais, trata-se de «ser sensíveis ao que o Espírito divino promove à nossa volta e em nós próprios»[\[19\]](#).

«Os que são conduzidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (*Rm* 8,14). Esta condução do Paráclito costuma consistir em nos dar, mais do que indicações concretas, luzes, orientações. De modos muito variados, e contando com os tempos de cada um, vai iluminando os pequenos e grandes acontecimentos da nossa vida. Assim um detalhe e outro vão aparecendo de um modo *novo*, diferente, com uma luz que mostra um sentido mais claro ao que antes era confuso e incerto.

Como recebemos essa luz? De mil modos diferentes: ao ler a Escritura, os escritos dos santos, um livro de espiritualidade; ou em situações inesperadas, como durante uma conversa entre amigos, ao ler uma notícia... Há infinidade de momentos em que o Espírito Santo pode estar a sugerir-nos algo. Mas Ele conta com a nossa inteligência e com a nossa liberdade para dar forma às Suas sugestões. Convém aprender a orar a partir dessas “chispas”; ir meditando nelas sem pressa, dia após dia; deter-se na oração e perguntar ao Senhor: “Com este assunto que me preocupa, com isto que me aconteceu, que me queres dizer? Que me propões para a minha vida?”

Nesta escuta paciente é bom ter em conta que a voz do Espírito Santo pode aparecer no nosso coração misturada com outras muito diversas: o nosso egoísmo, as nossas apetências, as tentações do diabo... Como ir reconhecendo o que vem d’Ele? Nisto, como em tantas coisas, não existem provas irrefutáveis; mas há sinais que ajudam a discernir a Sua presença. Em primeiro lugar, há que ter em conta que Deus não se contradiz: não nos pedirá nada contrário aos ensinamentos de Jesus Cristo, recolhidas na Escritura e

ensinados pela Igreja. Também não nos sugerirá algo que se oponha à nossa vocação. Em segundo lugar, devemos prestar atenção ao que trazem consigo essas inspirações. Pelos frutos se conhece a árvore (cfr. *Mt* 7,16-20); e, como escreve S. Paulo, «os frutos do Espírito são: a caridade, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fé, a mansidão, a continência» (*Ga* 5,22-23). A tradição espiritual da Igreja é constante em indicar que «o Espírito de Deus produz inevitavelmente paz na alma; o demônio produz inevitavelmente inquietação»[20]. Ao longo do dia ocorrer-nos-ão infinidade de *ideias felizes*; ideias de serviço, de cuidado, de atenção, de perdão. Com frequência não teremos tido, sem mais, uma *boa ideia*, mas é o Espírito Santo que nos está a mover o coração. Secundar essas inspirações do Paráclito encher-nos-á do *gaudium cum pace* – a alegria cheia de paz – que pedimos diariamente.

A docilidade ao Paráclito é, enfim, uma atitude que convém cultivar serenamente, com a ajuda da direção espiritual. Não deixa de ser significativo que este horizonte se abra a S. Josemaria precisamente nesse contexto. O conselho que recebeu – «ouça-O» – revela também a consciência que o Padre Sánchez tinha da sua missão como diretor espiritual: facilitar que o Espírito Santo tomasse cada vez mais a condução dessa alma, «facilitar-Lhe o trabalho de polir, de arrancar, de inflamar...» Essa é a tarefa de quem acompanha outros na sua vida espiritual: ajudá-los a conhecerem-se, para que possam discernir melhor o que o Paráclito lhes pode estar a pedir. Assim, pouco a pouco, cada um vai aprendendo a ver Deus no que lhe acontece e no que sucede no mundo.

Ancorados no Amor de Deus, com o sopro do Espírito Santo

Desde a Ascensão do Senhor aos céus e do envio do Espírito Santo no Pentecostes, vivemos no tempo da missão: o próprio Cristo nos confiou a tarefa de levar a salvação ao mundo inteiro. O Papa Francisco comentou-o em repetidas ocasiões, ao falar do «dinamismo de “saída” que Deus quer provocar nos crentes»[21], salientando, ao mesmo tempo que, com a tarefa, nos deu a força

para a cumprir. Com efeito, esse *dinamismo* «não é uma estratégia, mas a própria força do Espírito Santo, caridade incriada»[22].

Nas suas catequeses sobre a esperança, o Papa Francisco recordou a importância de nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo, com uma imagem muito querida pelos Padres da Igreja: «A carta aos Hebreus compara a esperança a uma âncora (cfr. 6,18-19); e a esta imagem podemos acrescentar a da vela. Se a âncora é o que dá à barca a segurança e a tem “ancorada” entre as ondas do mar, a vela é, pelo contrário, o que a faz mover e avançar nas águas. A esperança é realmente como uma vela que recolhe o vento do Espírito Santo e o transforma em força motriz que empurra a barca, segundo os casos, para o mar ou para a margem»[23].

Viver ancorados na profundidade do Amor de Deus dá-nos segurança; viver pendentes do Espírito Santo permite-nos avançar com a força de Deus e na direção que Ele nos sugere: «voar, sem te apoiares em nada daqui, atento à voz e ao sopro do Espírito»[24]. Ambas as coisas nascem da união com Deus. Por isso, «a Igreja necessita imperiosamente do pulmão da oração»[25]. Os últimos papas recordaram-no constantemente: se queremos cumprir a missão que Cristo nos confiou com o mesmo Espírito que O movia, não há outro caminho senão a oração, o trato contínuo e confiado com o Paráclito. Descobrir o Mediterrâneo da presença viva de Deus no nosso coração. E navegar mar adentro guiados pelo Espírito Santo, «luz, fogo, vento impetuoso (...) que ateia a chama e a torna capaz de provocar incêndios de amor»[26].

Notas

[1] S. Josemaría, *Cristo que passa*, n. 127.

[2] *Ibíd.*, n. 128.

[3] P. Rodríguez, comentário ao n. 57 da edição crítico-histórica de *Caminho*, p. 269.

[4] S. Josemaría, *Apontamentos íntimos*, n. 864, em P. Rodríguez, *Caminho*. Edición crítico-histórica, comentário ao n. 57, p. 270. Faz-se ali uma remissão para um estudo de J.L. Illanes, “Trato con el Espíritu Santo y dinamismo de la experiencia espiritual. Consideraciones a partir de un texto del Beato Josemaría Escrivá”, em P. Rodríguez et al. *El Espíritu Santo y la Iglesia: XIX Simposio Internacional de Teología de la Universidad de Navarra*, Serviço de Publicações da Universidade de Navarra, 1999, 467-479 (disponível [aqui](#)).

[5] S. Josemaría, *Amigos de Deus*, n. 306.

[6] Cfr. P. Rodríguez, *Caminho. Edição crítico-histórica*, comentário ao n. 57. O autor data a redação deste ponto em 22-XI-1932.

[7] S. João Paulo II, Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 6-I-2001, n. 4.

[8] S. Rubin, F. Ambrogetti, *Conversas com Jorge Bergoglio*, Ed. Paulinas, Lisboa 2013

[9] S. João Paulo II, *Novo millennio ineunte*, n. 38.

[10] *Ibíd.*

[11] S. Josemaría, *Temas actuais do cristianismo*, n. 40.

[12] *Cristo que passa*, n. 134.

[13] Cfr. F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

[14] *Cristo que passa*, n. 127.

[15] S. João Paulo II, Discurso, 5-VI-2004.

[16] *Ibíd.*

[17] *Conversas finais*, de Peter Seewald e Bento XVI, Dom Quixote, Lisboa 2016

[18] *Ibíd.*

[19] *Cristo que passa*, n. 130.

[20] J. Philippe, *En la escuela del Espíritu Santo*, Rialp, Madrid 2005, 53. Sobre esta questão, em geral, cfr. 45-64.

[21] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), n. 20.

[22] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 9.

[23] Francisco, *Audiência Geral*, 31-V-2017.

[24] S. Josemaría, *Forja*, n. 994.

[25] Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 262.

[26] *Amigos de Deus*, n. 244.

A Jesus, por Maria

S. Josemaría rezava a Nossa Senhora desde pequeno; já mais velho descobriu mais: encontrou-se nos braços de uma Mãe, tão próxima como é o Céu.

Ao pé da Cruz acompanhavam o Senhor, a sua Mãe, Santa Maria, algumas outras mulheres e João, o discípulo mais jovem. Apenas essas poucas pessoas estavam ao seu lado naquelas horas dramáticas. Essas... e uma multidão de curiosos e oportunistas, o punhado de soldados que o tinham levado para o Calvário e os acusadores que continuavam a fazer troça dele, talvez saboreando a sua «vitória». E os outros discípulos? Tinham fugido.

O próprio João conta-nos que «Jesus, vendo a sua mãe e o discípulo que amava, que lá estava, disse à sua mãe: - Mulher, eis o teu filho. Depois disse ao discípulo: - Eis a tua mãe» (*Jo 19,25*). E, o evangelista conclui, «e desde aquela hora o discípulo recebeu-a na sua casa» (*Jo 19,27*).

No jovem apóstolo, a Mãe de Cristo «é entregue ao homem - a cada um e a todos - como mãe»[\[1\]](#). A partir desse momento, Maria é Mãe dos cristãos. Os primeiros discípulos compreenderam-no logo. Reuniram-se à volta d'Ela ao sentir a ausência do Senhor, depois da sua Ascensão ao Céu: «todos eles perseveravam unanimemente em oração, com as mulheres e Maria, mãe de Jesus, e com os Seus irmãos» (*Act 1,12.14*).

Também nós somos chamados a experimentar pessoalmente a maternidade de Maria e a responder como João, que «acolhe “entre as suas coisas próprias” a Mãe de Cristo e a introduz em todo o espaço da sua vida interior, quer dizer, no seu “eu” humano e

cristão»[2]. Trata-se de um caminho pessoal, que cada um percorre à sua maneira... e no seu tempo.

«Também sou filho da minha Mãe Maria»

S. Josemaría tinha tido devoção a Nossa Senhora desde criança. Não o tinha esquecido com o passar dos anos; em maio de 1970, durante a sua novena aos pés de Nossa Senhora de Guadalupe, dizia: «Eu aconselho-vos, nestes momentos especialmente, que volteis à vossa idade infantil, recordando, com esforço se for preciso – eu recordo-o claramente - o vosso primeiro ato em que vos dirigistes a Nossa Senhora, com consciência e vontade de o fazer»[3]. Sabemos que sendo muito pequeno, a sua mãe o ofereceu a Nossa Senhora de Torreciudad em agradecimento por o ter curado de uma doença mortal. Aprendeu também de seus pais a rezar a Santa Maria. Passados anos, recordava: «ainda, de manhã e de tarde, não um dia, mas habitualmente, renovo aquele oferecimento que os meus pais me ensinaram: *Oh Senhora minha, oh Minha mãe!, eu me ofereço todo a vós. E, em prova do meu amor para convosco, vos consagro neste dia os meus olhos, os meus ouvidos, a minha boca, o meu coração...*»[4]

Enquanto viveu em Saragoça, S. Josemaría visitava diariamente Nossa Senhora do Pilar. A Ela ia com os seus pressentimentos, com a intuição de que o Senhor tinha uma vontade especial para ele. Ainda se conserva uma pequena imagem dessa invocação, feita em gesso, muito pobre, em cuja base gravou com um prego: *Domina, ut sit!*, com a data de 24-5-924. «Aquela imagem - comentava anos mais tarde - era a materialização da minha oração de anos, do que vos tinha contado tantas vezes»[5].

Já em Madrid, tinha uma imagem de Nossa Senhora a que chamava «Virgem dos beijos», porque nunca deixava de a saudar com um beijo ao entrar ou sair de casa. «Não só aquela, todas as imagens de Nossa Senhora o comoviam. De modo especial as que encontrava atiradas para o chão na rua, em gravuras ou estampas sujas e cheias de pó. Ou as que lhe apareciam no caminho nos seus percursos por Madrid, como a imagem em azulejos com que

se encontravam diariamente os seus olhos quando saía de Santa Isabel»[6].

Além disso, ao contemplar o Evangelho tinha aprendido a falar com Maria e a recorrer a Ela como faziam os primeiros discípulos. No seu livro *Santo Rosário*, fruto dessa contemplação amorosa da vida de Cristo, ao comentar o segundo mistério glorioso, refere: «Pedro e os outros voltam a Jerusalém - *cum gaudio magno* - com grande alegria (Lc 24,52). (...) Mas, tu e eu sentimo-nos orfãos: estamos tristes e vamos consolar-nos com Maria»[7].

Contudo, a maternidade de Maria ia ser outra das «descobertas» que faria, sendo ainda um sacerdote jovem. Refere-o num dos seus *Apontamentos*, que data de setembro de 1932: «Ontem (...) descobri um Mediterrâneo - outro - a saber: que, se sou filho do meu Pai Deus, também o sou da minha Mãe Maria»[8]. Não era algo novo - era uma verdade conhecida, meditada, vivida – e, no entanto, adquiria, de repente, um significado inédito. Recordando uma vez mais o seu itinerário espiritual, acrescenta: «Explico-me: por Maria fui a Jesus e sempre a tive por minha Mãe, embora eu tenha sido um mau filho. (A partir de agora serei bom)». Maria já o tinha levado a Jesus: tinha sido a sua principal intercessora na sua insistente petição para ver o que o Senhor lhe pedia... Em que consistia então a novidade? Explica-o a seguir: «Mas esse conceito da minha filiação materna vi-o com uma luz mais clara, e senti-o ontem com um sabor diferente. Por isso, durante a Sagrada Comunhão da minha Missa, disse à Senhora minha Mãe: põe-me um fato novo. Era muito justa a minha petição, porque celebrava uma festa sua»[9].

A ideia do *fato novo* tem claras ressonâncias paulinas: «Despojai-vos do homem velho e do seu anterior modo de vida, corrompido pelas paixões enganadoras; renovai-vos na mente e no espírito e revesti-vos do homem novo, criado à imagem de Deus na justiça e na santidade verdadeiras» (Ef 4,22-24). Esta nova descoberta da maternidade de Maria tem, pois, um sabor íntimo de conversão pessoal. Algo que vê com maior clareza, que *sente* de

modo novo, e que floresce num propósito simples mas profundo: «A partir de agora serei bom».

Aqueles que estudaram a fundo os textos de S. Josemaría puseram em evidência a linha em que se move esta descoberta. Oito dias depois da anotação em que refere o novo Mediterrâneo que se lhe abriu, escreve um apontamento que passará para *Caminho*: «A Jesus sempre se vai e se “torna a ir” por Maria»[10]. Era algo que há algum tempo andava a forjar-se na sua alma, mas que de repente compreendeu com nova profundidade e reafirmou-o na importância de Santa Maria na sua vida de relação com Deus. Quatro dias depois do apontamento, anotou: «- A quantos jovens gritaria eu ao ouvido: Sê de Maria... e serás nosso!»[11] Anos mais tarde perguntaram-lhe o que queria dizer com isso, e ele respondeu: «Quero dizer o que tu entendes perfeitamente. (...) Por um lado, que se não há devoção a Maria não se pode fazer nada: as almas estão como se não tivessem fundamento para a vida espiritual; por outro, que quando há uma devoção filial à Santíssima Virgem as almas encontram-se com boa disposição para servir Nosso Senhor no estado que for: solteiras, casadas, viúvas e os sacerdotes como sacerdotes»[12]. É Maria, enfim, quem leva a Jesus; e Jesus levamos ao Pai. Ela é, simplesmente, quem *facilita* o acesso a Deus.

«Tornar a ir» a Jesus por Maria

Naquele setembro de 1932, S. Josemaría meditou repetidas vezes sobre o papel que Nossa Senhora tem no nosso caminho para Jesus. Neste caso, não se trata já de encontrar Cristo, de descobrir qual é a sua vontade para nós, mas, como vimos, de «tornar a ir» a Ele. A sua linguagem era novidade para aqueles que dele se aproximavam. O Beato Álvaro del Portillo, por exemplo, recorda que ele próprio se surpreendeu: «Então perguntei eu ao Padre: Padre, porque pôs isto? Que se vai por Maria, já o percebo, mas que se torne a ir... E disse-me: «meu filho, se alguém tem a desgraça de se separar de Deus pelo pecado, ou está em vias de se separar porque lhe vai entrando a tibieza e a falta de vontade, então recorre à Santíssima Virgem e encontra outra vez a força para ir ao

confessionário, se for preciso, para ir à Confidência e abrir bem a consciência com grande sinceridade - sem que haja recantos escuros na alma, sem que haja segredos a meias com o diabo - e por Maria, vai-se a Jesus»[13].

Levantar-se depois de uma queda custa, e custa mais à medida que passam os anos. A nível físico, é evidente: basta ver o alvoroço que se gera quando uma pessoa idosa cai na rua. Mas essa afirmação é igualmente verdadeira a nível espiritual. À medida que crescemos em idade, pode-se-nos tornar cada vez mais difícil pedir perdão. Humilha-nos continuar a cair nos mesmos pecados, dá-nos vergonha cometê-los - «nesta altura?!» - torna-se-nos insuportável continuar a constatar a nossa própria debilidade... e, por vezes, cedemos a uma desesperança que nos rouba a alegria.

A desesperança é um inimigo subtil que nos leva a fecharmo-nos em nós próprios. Pensamos que defraudámos a Deus, como quem compra um aparelho electrónico e de repente descobre que não era tão bom como o pintavam... No entanto, ao vermo-nos nesse estado, Ele quer recordar-nos que nos conhece perfeitamente! A cada um de nós poderia dizer-nos, como a Jeremias: «antes de te formar no seio materno, conheci-te» (*Jr* 1,5). Por isso, o seu Amor por nós constitui uma segurança firme: sabendo como somos, Deus amou-nos até dar a vida por nós... e não se enganou. Quando mesmo esta verdade, tão consoladora, nos seja longínqua, recordar-nos da nossa Mãe pode ser como que o *atalho* que nos facilite o caminho de regresso[14]. Ela aproxima-nos de modo particular da Misericórdia desse Deus que está à nossa espera com os braços abertos. Na sua última Audiência geral, Bento XVI confiava-nos: «Desejaria convidar-vos a todos a renovar a firme confiança no Senhor, a confiarmo-nos como crianças nos braços de Deus, certos de que esses braços nos sustentem sempre e são o que nos permite caminhar todos os dias, também nas dificuldades. Gostaria que cada um se sentisse amado por esse Deus que deu o seu Filho por nós e que nos mostrou o seu amor sem limites. Queria que cada um de vós sentisse a alegria de ser cristão»[15].

E precisamente para que o sintamos, Deus quis manifestar-nos o seu amor paterno... e materno.

O amor «materno» de Deus aparece expressado em diversos momentos ao longo da Escritura; talvez a passagem mais conhecida seja a de *Isaías*: «Pode uma mulher esquecer o seu menino de peito, não se compadecer do filho das suas entranhas? Pois ainda que elas se esquecessem, Eu de ti jamais Me esquecerei!» (*Is* 49,15); ou, de um modo ainda mais explícito: «como a mãe consola o seu filho, assim Eu vos consolarei» (*Is* 66,13). No entanto, Deus quis ir mais além, e dar-nos a sua própria Mãe, aquela mulher de quem encarnou o seu Filho amado. Os cristãos de todos os tempos descobriram, por isso, em Maria uma via privilegiada e particularmente acessível para o Amor infinito do Deus que perdoa.

Por vezes podemos encontrar-nos com pessoas a quem é ainda demasiado abstrato dirigirem-se a Deus, ou que não se atrevem a olhar Cristo diretamente: um pouco como aquelas crianças que preferem recorrer primeiro à mãe antes do pai quando fizeram alguma coisa mal ou partiram um objeto valioso... De modo parecido, «muitos pecadores não podem rezar o “Pai Nosso”, mas, no entanto, rezam a “Avé Maria”»[\[16\]](#). E assim, por Maria, «tornam a ir» a Jesus.

A Maria, com a ternura das crianças

A descoberta da importância de Maria vai de mão dada, na vida de S. Josemaría, com a vivência da infância espiritual. Num ponto de *Caminho*, que nasceu numas circunstâncias difíceis, escreveu: «Mãe! - Chama-a bem alto. - Ela, a tua Mãe Santa Maria, escuta-te, vê-te em perigo talvez, e oferece-te, com a graça do seu Filho, o consolo do seu regaço, a ternura das suas carícias. E encontrar-te-ás reconfortado para a nova luta»[\[17\]](#). Aqueles que o rodeavam não sabiam, porventura, até que ponto lhes estava a transmitir a sua própria experiência com estas palavras. Por aqueles anos, S. Josemaría estava a aprender também a aproximar-se de Deus como um menino pequeno.

Fruto desse modo de orar é a sua obra *Santo Rosário* e também alguns capítulos de *Caminho*. As descobertas que revemos inscrevem-se nesse trato confiado com Deus e com Maria. De facto, S. Josemaría percorreu esse caminho ao longo de toda a sua vida. Pouco antes de decorrer o seu último Natal nesta terra, confiava a um grupo de filhos seus: «Habitualmente abandono-me, procuro fazer-me pequeno e pôr-me nos braços de Nossa Senhora. Digo ao Senhor: Jesus, chega-Te um pouco para lá! A ver se cabemos os dois nos braços da Tua Mãe! E basta. Mas vós segui pelo vosso caminho: o meu não tem por que ser o vosso (...) viva a liberdade!»[18]

Sem ser o único modo de o conseguir, *tornar-se criança* facilita atitudes como a humildade ou o abandono esperançado nas diferentes circunstâncias da vida. Também é uma maneira de ganhar em simplicidade e naturalidade ao dirigirmo-nos a Deus. Além disso, ao ser um caminho marcado pelo reconhecimento da própria fragilidade e dependência, permite abrir a Deus, com menos esforço, as portas do próprio coração, quer dizer, da própria intimidade.

As crianças são vulneráveis, e precisamente por isso são tão sensíveis ao amor: compreendem em profundidade os gestos e as atitudes dos mais velhos. Por isso é necessário que nos deixemos *tocar* por Deus, e lhe abramos as portas da nossa própria alma. O Papa também propunha isso aos jovens: «Ele pergunta-nos se queremos uma vida plena. E eu em Seu nome pergunto-vos: Vós, vós quereis uma vida plena? Começa a partir deste momento por deixar-te comover»[19]. Ter coração não significa prestar-se à afetação ou ao sentimentalismo exagerado, que são uma simples caricatura da autêntica ternura. Pelo contrário, redescobrir o coração, deixar-se comover, pode ser um caminho para chegar a Deus. «O meu pobre coração está ansioso de ternura - anotava S. Josemaría em 1932. *Si oculus tuus scandalizat te...* Não, não é preciso atirá-lo para longe: não se pode viver sem coração. (...) E essa ternura, que colocaste no homem, como fica saciada, inundada, quando o homem te procura, pela ternura (que te levou à

morte) do teu divino Coração!»[20] A Maria - e por Ela a Jesus - pode-se ir pelo caminho da ternura, que é o modo como as crianças aprendem a conhecer as suas mães e a confiar nelas a vida inteira. Por este e por outros caminhos que Deus nos pode sugerir, entramos num imenso Mediterrâneo: o de ter no Céu uma Mãe toda formosa, Santa Maria.

Notas

[1] S. João Paulo II, Enc. *Redemptoris Mater*, 25-III-1987, n. 23.

[2] *Ibídem.* n. 45.

[3] S. Josemaría, *Apontamentos da sua oração em voz alta na antiga Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe* (México), 20-V-1970, em P. Casciaro, *Soñad y os quedaréis cortos*, 11ª ed., Rialp, Madrid 1999, p. 223.

[4] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 296.

[5] Apontamentos de uma reunião familiar, 26-VII-1974 (*Crónica* 1975, p. 223, em AGP, biblioteca, P01). A imagem conserva-se numa galeria com recordações da sua vida, na sede central do Opus Dei, em Roma.

[6] A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. 1, pp. 410-411.

[7] S. Josemaria, *Santo Rosário*, 2º mistério glorioso.

[8] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 820, 5-IX-1932, em *Santo Rosário. Edición crítico-histórica*, introdução ao 2º mistério glorioso, p. 234.

[9] *Ibídem.*

[10] S. Josemaria, *Caminho*, n. 495.

[11] S. Josemaria, Texto do Caderno VI, nº 825, datado de 17-IX-1932, em *Camino. Edición crítico-histórica*, comentário ao n. 494.

[12] S. Josemaría, Notas de uma tertúlia, Madrid 23-X-1972, em *Camino. Edición crítico-histórica*, comentário ao n. 494.

[13] Notas de um colóquio com Álvaro del Portillo, Madrid 4-IX-1977, citadas por P. Rodríguez, *Camino. Edición crítico-histórica*, comentário ao n. 495.

[14] «La Virgen, Mãe do Senhor e nossa Mãe (...) é o atalho para chegar a Deus» (J. Echevarría, “El amor a María Santísima en las enseñanzas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer”, *Palabra*, 156-157, (1978), pp. 341-345 (disponível [aqui](#)).

[15] Bento XVI, *Audiência Geral*, 27-II-2013.

[16] J. Daniélou, *El misterio del Adviento*, Cristiandad, Madrid 2006, p. 120.

[17] *Caminho*, n. 516.

[18] S. Josemaria, *Apontamentos da pregação*, 20-XII-1974, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, vol. 2, p. 68.

[19] Francisco, *Discurso*, 28-VII-2016.

[20] S. Josemaría, *Apontamentos íntimos*, n. 1658, 9-X-1932, em *Camino. Edición crítico-histórica*, comentário ao n. 118. Cfr. *Mc* 9,47.

EPÍLOGO

A descoberta dos diferentes *Mediterrâneos* que fomos revendo nestas páginas dilatou o coração de S. Josemaría de modo indizível. Como dando pequenos passos pela mão do Senhor, apercebeu-se do sentido da Cruz, que o fez sentir-se filho de um Pai cheio de Amor; descobriu o Amor profundo e próximo de Jesus; aprendeu a deixar-se amar por Deus, nosso Consolador, confiando n'Ele mais do que nas próprias forças; e, pouco a pouco, soube dar protagonismo ao Espírito Santo na sua vida espiritual e na sua ação na terra.

Compreendei, em resumo, que a plenitude da vida cristã não consiste em cumprir uma série de tarefas, chegar a um determinado nível ou «realizar empresas extraordinárias, mas em unir-se a Cristo, em viver os seus mistérios, em fazer nossas as suas atitudes, os seus pensamentos, os seus comportamentos. A santidade mede-se pela estatura que Cristo atinge em nós, pelo grau em que, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida de acordo com a sua»^[1].

Seguindo os passos de S. Josemaría, também nós podemos pedir a Deus que nos introduza nesses *Mediterrâneos* da vida interior, paisagens tão conhecidas... mas ao mesmo tempo imensas, que nos permitirão «mergulhar na profundidade do Amor de Deus, para assim poder, com a palavra e com as obras, mostrá-l'O aos homens»^[2]. Não há caminho mais urgente... nem mais formoso.

Notas

^[1]Bento XVI, *Audiência Geral*, 13-IV-2011.

^[2]S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 97.

Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2020

www.opusdei.org

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)